

ROQUE GAMEIRO NA IMPRENSA

A DESENHAR E A DOCUMENTAR GRAFICAMENTE

CASA ROQUE GAMEIRO - 1 DE ABRIL A 26 DE AGOSTO 2017

CASA ROQUE GAMEIRO

ENTRADA GRATUITA

terça a sábado: 10h00-12h30 e das 14h00h-17h30, domingo: 14h30-17h30h

Encerra segundas e feriados

Telf.: 21 436 90 58 - Fax.: 21 492 92 39

Praceta 1.º de Dezembro, n.º 2 – Venteira, 2700-668 Amadora

www.cm-amadora.pt



ROQUE GAMEIRO NA IMPRENSA

A DESENHAR

E A DOCUMENTAR GRAFICAMENTE

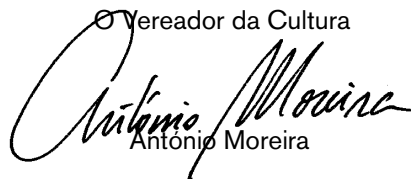
É com entusiasmo que promovemos nesta Casa mais uma exposição sobre Alfredo Roque Gameiro.

No final do séc. XIX, com as alterações no desenho urbano e com o aparecimento das grandes avenidas, como a Avenida da Liberdade, em Lisboa, o país registou outro fenómeno: a crescente popularização do impresso, terreno fértil para que artistas como Roque Gameiro ganhassem nome e prestígio com os seus trabalhos.

Com *Roque Gameiro na Imprensa “a desenhar e a documentar graficamente”*, ficamos a conhecer mais e melhor a importância que teve ao nível da gravura e da ilustração, onde trabalhou proficuamente.

No entanto, com esta exposição, abordamos, não só o trabalho de Roque Gameiro naquelas áreas, e as suas referências na imprensa da época, mas ainda a vertente histórica da altura e o surgimento da cultura de massas e da ampliação dos limites das cidades.

A grandeza da cultura intelectual e artística deste homem evidenciou-se um pouco por tudo o que fez: desde a forma como educou os seus filhos, até à delicada sensibilidade que o seu espírito criativo denotava em cada uma das suas obras. Sem dúvida, um artista singular.

O Vereador da Cultura

António Moreira

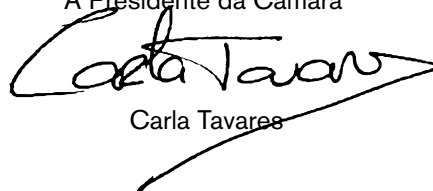
Roque Gameiro é uma personagem ímpar da nossa história local, que dá nome a um dos equipamentos culturais – Monumento de Interesse Público – da nossa cidade.

Promovemos agora nesta Casa a exposição *Roque Gameiro na Imprensa “a desenhar e a documentar graficamente”*, que é uma autêntica visita guiada à obra e ao importante papel de Alfredo Roque Gameiro nos domínios da gravura e da ilustração, bem como os ecos do seu trabalho na imprensa da altura.

Do seu trabalho de litografia nas oficinas da Companhia Nacional Editora, passando pela Escola de Artes e Ofícios, em Leipzig, até à ampla produção de obras nas quais participou iconograficamente, como *As Pupilas do Senhor Reitor*, Roque Gameiro teve ainda o mérito de compreender e traduzir a riqueza da vida cidadina, que muito explorou artisticamente.

E é também essa riqueza da Cidade, com as alterações urbanas dos finais do Séc. XIX e as suas consequências sociais e culturais que são exploradas aqui, nesta exposição, que não teria sido possível desenvolver e estruturar sem a cooperação dos familiares de Roque Gameiro, a colaboração da Biblioteca Nacional e o apoio do Museu da Cidade de Lisboa, da Hemeroteca de Lisboa e do Arquivo Municipal de Lisboa. A todos, o nosso muito obrigado!

A Presidente da Câmara

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Carla Tavares', with a long, sweeping horizontal stroke extending to the right.

Carla Tavares



Quiosque de O Século, Lisboa à Estrela Joshua Benoliel, 1909

ROQUE GAMEIRO NA IMPRENSA

“a desenhar e a documentar graficamente”

Esta mostra é exclusivamente dedicada a uma faceta menos conhecida de Alfredo Roque Gameiro: a sua presença na imprensa e na edição entre o final do século XIX e início do século XX.

Ao contrário das aquarelas que pintou e que tantas galerias abrilhantaram, as obras que se apresentam não foram criadas para serem emolduradas ou apresentadas em vitrinas. Os jornais, revistas, livros, e ilustrações reunidos foram concebidos para serem usados, manuseados, lidos, atentamente ou na diagonal, guardados alguns, mas, por definição, descartáveis e, por isso, facilmente perecíveis.

Porém, em cada uma destas peças habitam as memórias de escritores e tipógrafos, ilustradores e litógrafos, gravadores e impressores, editores, livreiros e ardinhas, agora resgatadas para dar voz a uma *história* que vale a pena desvendar: a obra gráfica de Roque Gameiro, sua parcela menos abordada, entra no mundo do papel impresso.

Acomodada em duas áreas expositivas distintas dedicou-se a primeira sala ao enquadramento das transformações sociais, culturais e urbanísticas, operadas na transição dos séculos XIX e XX e ao desenvolvimento, nesse contexto, de uma cultura urbana de massas marcada pela proliferação de objetos impressos.

Na segunda sala apresentam-se alguns dos aspetos mais substantivos do seu trabalho litográfico e editorial sem esquecer a sua presença na imprensa, não apenas enquanto colaborador mas, também, os ecos que a sua vida, família e obra, tiveram nos jornais e revistas da época.



Ajardinamento do Campo dos Mártires da Pátria, Post. 1907. Paulo Guedes.

DO CLARO BUSTO DE MINERVA À DUPLA FACE DE JANO, OU OS ANOS DOURADOS DA IMPRENSA

Luis Augusto Costa Dias*

Entre o início do último quartel do século XIX e o fim do primeiro quartel do século XX, acompanhando afinal idênticas transformações europeias, a sociedade portuguesa assistiu a um quadro de efeitos multiplicadores de desenvolvimento que concorreu para a emergência urbana de uma cultura de massas (com toda a ambiguidade que a expressão encerra), marcada pela proliferação de objetos impressos – uma *civilização do impresso* que correspondeu ao «conjunto de produções, de práticas, de valores modelada pelos agentes da indústria cultural».¹

Num sentido social e cultural amplo e profundo, deve dizer-se, com justíssimos motivos para essa época, que «a cidade é a novidade»². Antes de mais, pelo assalto demográfico aos principais centros urbanos que, nalguns casos, como Setúbal, atingiu um aumento de cerca de 250% da população urbana no período de 50 anos aqui em referência (neste caso particular, o crescimento demográfico correspondeu ao influxo industrial na cidade sadina). No conjunto do país, sobretudo no litoral oeste do continente, as principais cidades (nem sequer as vilas cabeças de concelho)

registaram o maior e mais rápido crescimento da população portuguesa: tomando dados entre 1864 e 1911, enquanto os meios rurais registaram um aumento de cerca de 25% de habitantes, as cidades assinalam, em geral, um acréscimo de mais de 100% da sua população, numa taxa de crescimento por década que é tanto maior quanto mais nos aproximamos do novo século e nele entramos³.

Uma tal ampliação dos residentes nas áreas urbanas conduziu a um alargamento territorial das cidades com maior crescimento, a uma moderna conceção urbanística aberta aos espaços mundanos e socialmente integradora. Além do seu crescimento territorial, a cidade moderna acompanhou, de facto, a diversificação das atividades socioprofissionais da sua crescente população, com destaque para o setor terciário em expansão: o comércio, da pequena loja aos grandes armazéns, e os variados serviços, as repartições públicas, os escritórios, os transportes urbanos, as comunicações, além de inúmeras profissões intelectuais (em diversidade de ocupações e aumento de efetivos) ou os empregos com funções intelectuais básicas. Numa dinâmica social nova nas principais cidades do país, além do alargamento de uma pequena burguesia urbana, cresceu também uma plebe cidadina que, lentamente, encontrou nos mecanismos culturais e políticos anseios de afirmação e promoção em relação às classes tradicionalmente cultas. Esta foi, por exemplo, a época de implantação e desenvolvimento do republicanismo, como ideologia típica das classes urbanas, não obstante

* Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20) da Universidade de Coimbra.

1 KALIFA, Dominique - *La Culture de Masse en France 1. 1860-1930*. Paris : Ed. La Découverte, 2001.

2 SILVA, Raquel Henriques da - *A arte sob a referência naturalista*, in REIS, António (dir.) - *Portugal Contemporâneo*. Vol. 1, Lisboa: Public. Alfa, 1996, pp. 689-696

3 DIAS, Luis Augusto Costa - «Imprensa e espaço público», in ROLLO, Maria Fernanda (coord.) - *Dicionário de História da I República e do Republicanismo*. Vol. II. Lisboa: Assembleia da República, pp. 370-373.

a contradição e a tensão entre modernidade e conservadorismo no campo republicano.

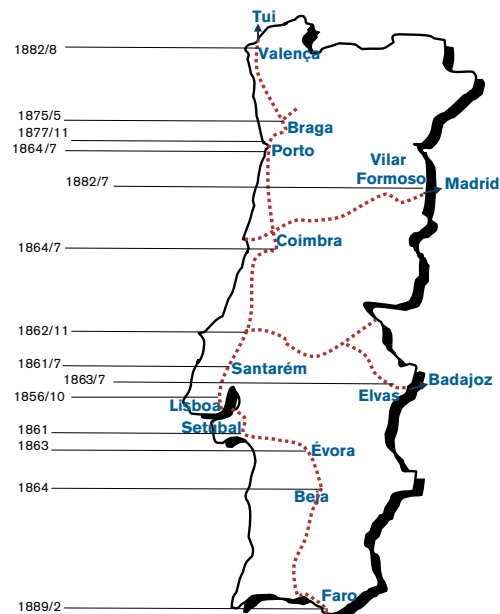
Ora, o desenvolvimento das vias de comunicação ao longo da 2ª metade do século - com os principais eixos dos caminhos-de-ferro e do telégrafo como traço de união das principais cidades portuguesas foi efetivado com o rompimento da linha ferroviária do norte sobretudo a partir de 1861, a ritmo decisivo nas décadas de 1870-1880⁴. Ao entrar na última década do século, a rede ferroviária tinha concluído os seus grandes eixos de norte a sul e a ligação com o resto da Península Ibérica em vários pontos, em particular o eixo litoral ocidental entre Lisboa e Viana do Castelo em 1882 (ver **mapa 1**), pois só no final dessa década chegaria a Faro. Com um afluxo populacional sem precedentes, o crescimento dos meios urbanos e a diversificação das suas atividades económicas e sociais foram, paralelamente, acompanhados de uma subida dos níveis de acesso à cultura, tanto por parte da pequena burguesia (com destaque para os ganhos do feminino na instrução⁵, que levaram então a iconizar a mulher como leitora, sabendo que surgiu também como agente das letras⁶) como

4 Ver LAINS, Pedro, e SILVA, Álvaro Ferreira da - *História Económica de Portugal 1700-2000: O Século XIX*. 2.ª ed. Lisboa: ICS-Imprensa de Ciências Sociais, 2005, pp. 165-176.

5 GOMES, Joaquim Ferreira - *Estudos para a História da Educação no Século XIX*. 2ª ed.. Lisboa: Instit. Inovação Educacional, 1996, pp. 33, 56.

6 Não me refiro apenas à conhecida geração de «feministas» portuguesas surgidas nesta época (ver ESTEVES, João - *Mulheres e Republicanismo: 1908-1928*. Lisboa: CIG, 2008), mas a um espectro largo de mulheres nas redações de jornais, de que Guiomar Torrezão foi um exemplo ao lado de uma plêiade anónima de redatoras, sobretudo em pequenas publicações (ver DIAS, L. A. Costa - «Os "reporters" de imprensa na entrada da era mediática», in 1910: o Ano da República. Catálogo de exposição. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2010, p. 248).

MAPA 1
Rede ferroviária em Portugal continental Traçados e cronologia (1889)



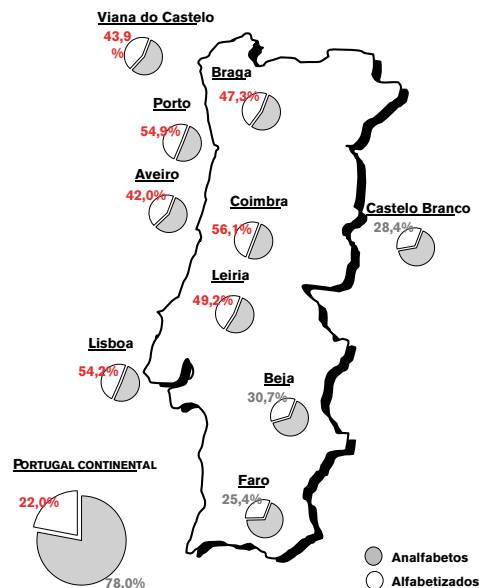
Fonte primária: *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, 1561 (1 jan. 1956) -1681 (1 jan. 1958)

do proletariado urbano em processo de resgate autodidata a partir, sobretudo, de uma instrução paralela às escolas formais e numa pirâmide que inscreveu no topo o movimento das Universidades Populares, a primeira das quais uma Academia de Estudos Livres⁷. Significativamente, as mudanças assinalam-se à entrada do último quartel do século XIX.

7 PINTASSILGO, Joaquim - «As Universidades Populares nas primeiras décadas do século XX. O exemplo da Academia de Estudos Livres», in CARVALHO, Marta Maria Chagas de; PINTASSILGO, Joaquim (orgs.) - *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais: Portugal e Brasil, Histórias Conectadas*. São Paulo: Edit. Universidade São Paulo, 2011. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/8354>

Não obstante o índice elevado de analfabetismo no mapa rural do país (cerca de 75% da população ativa ligada às atividades do setor primário, coincidindo com idêntica percentagem de analfabetos por volta de 1880), as principais metrópoles urbanas do eixo litoral ocidental estão no entanto a franquear, por essa altura, os 50% de indivíduos residentes nas áreas urbanas com capacidade de leitura, a saber: 43,9 % em Viana do Castelo; 47,3 % em Braga; 54,9 % no Porto; 42,0 % em Aveiro; 56,1 % em Coimbra; 49,2 % em Leiria; 54,2 % na cidade de Lisboa. Por contraste, o interior registava 28,4 % em Castelo Branco; 30,7 % em Beja ou 25,4 % nas cidades algarvias (ver **mapa 2**). E ao cabo das duas primeiras décadas do século XX, sem dados nacionais, sabe-se que Lisboa e Porto passaram, respetivamente, de 1890 para 1920, de 67% para 78% da sua população alfabetizada e de 71 para 77%, com dados para a faixa masculina dos residentes urbanos com alguma forma de literacia⁸. Nesta transição de século, o clima urbano corresponde a um cenário de espetáculo a céu aberto; isto significa, antes de mais, que a cidade promoveu a rua e os transeuntes, relegando para um passado romântico e liberal a cultura de salão. As transformações sociais então operadas compreenderam novas vivências em que o tecido urbanístico, simultaneamente, incorporou e estimulou a multidão. Tome-se o exemplo de Lisboa como modelo de modernização urbana que, aliás, olhando comparativamente e mais próximo do nosso país, antecedeu a transformação

MAPA 2
Popula urbana alfabetizada masculina (c.1880)
Portugal continental



Bibliografia: Luis Augusto Costa Dias, «Ler “À esquina”. Imprensa e cultura urbana de massas na transição do século XIX para o século XX», in Ribeiro, Maria Manuela Tavares (coord.), *Colóquio Livro, leitura, leitores nos debates culturais, séculos XIX - XX*. Universidade de Coimbra, 2016 (no prelo)

moderna de uma cidade como Madrid⁹, por exemplo, que ocorreu a partir de 1905: na capital portuguesa, depois do passo anunciador que foi o desaparecimento do Passeio Público (antes murado e gradeado, para deleite e recato da aristocracia e da grande burguesia, substituído pela praça dos Restauradores) e da abertura

⁸ Ver DIAS, Luis Augusto Costa - «Ler “À esquina”: imprensa e cultura urbana de massas na transição do século XIX para o século XX», in RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.) - *Colóquio Livro, Leitura, Leitores nos debates culturais: séculos XIX-XX*. Universidade de Coimbra, 2016 (no prelo).

⁹ MIGUEL SALANOVA, Santiago de - *Madrid, Sinfonía de una Metrópoli Europea: 1860-1936*. Madrid: Los Libros de la Catarata, 2016. Corresponde à tese de doutoramento, *Madrid, los retos de la modernidad Transformación urbana y cambio social (1860-1931)*, Universidade Complutense de Madrid, 2014, pp. 717 e ss., disponível em <http://eprints.ucm.es/31451/1/T36275.pdf>.



Avenida Ressano Garcia, hoje Avenida da República
Joshua Benoliel, c. 1905



Praça dos Restauradores e Avenida da Liberdade concluídas
em 1880
Paulo Guedes, s.d.

da Avenida da Liberdade, concluída em 1880, a cidade moderna surgiu a partir da Praça Marquês de Pombal, segundo o grande plano de Ressano Garcia¹⁰ que projetou as «avenidas novas» desde 1888 e, por volta de 1900, a Avenida da República

¹⁰ Ver SILVA, Raquel Henriques da - *Lisboa de Frederico Ressano Garcia*, in *Lisboa de Frederico Ressano Garcia 1874-1909*. Catálogo de Exposição. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Fund. Calouste Gulbenkian, 1996, pp. 17-38

era já um «boulevard» concorrente que estendeu e modernizou a cidade e a sua fruição a caminho do Campo Grande, grande parque periférico da cidade (também outrora murado e com entrada por 6 grandes portas de ferro, pelo menos até 1863). Até à implantação da I República e durante a sua vigência, a cidade moderna ampliou-se num território a céu aberto, como espaço das ruas e dos transeuntes, com vivências e experiências culturais novas. Autor de uma *Lisboa Velha*, Roque Gameiro não se identificava com esta modernidade, pois, dizia,

«[...] estas ruas, e as do resto da cidade, passaram infelizmente pelas maiores e mais desconchavadas transformações e, mais por perversão do gosto do que por necessidades de facto, foram as construções pombalinas e os seus lindos pormenores, sendo substituídos pelas correntezas de banalíssimos casarões de platibanda, cheios de reles exotismo, os quais, por minha desgraça e de alguns outros, que assim pensam, somos, quais passageiros deste outro “Progresso” – obrigados, bem constrangidamente, a olhar todos os dias.¹¹

De facto, os seus ambientes pictóricos são rústicos e as suas personagens mais pastoris que cidadinas, não esquecendo que estamos em plena voga ruralista e folclorista aberta pela geração de noventa (presente nas artes plásticas, como gráficas e fotográficas da época, veiculadas pelo naturalismo), e o seu imaginário antigo construiu-se segundo critérios historicistas de uma arte nacionalista que haveria de perdurar. Foram, porém, os passos daquela *sinfonia* de modernidade que

¹¹ GAMEIRO, Roque - *Explicação*, in *Lisboa Velha*. Lisboa: Tip. da Empresa do Anuário Comercial, 1925.

criaram condições de produção e de circulação da obra gráfica de Gameiro, graças à popularização do impresso até uma faixa de «cultura incipiente da massa semiletrada» que um repórter português da época extrapolava a propósito de um inquérito à edição e à leitura em Inglaterra¹². E, de facto, o papel do nosso artista nos primórdios da ilustração gráfica, no quadro de arranque da massificação dos objetos impressos em Portugal na transição de século, foi muito mais importante do que tem sido geralmente apontado, como haverá de avaliar-se.



Rua do Século (antiga Rua Formosa)
Roque Gameiro, in *Lisboa Velha*, est. 14

Os objetos impressos então em circulação, mais diversificados que antes, não implicaram apenas o jornal e o livro, mas outras formas de informação como o cartaz e o folheto que privilegiaram a linguagem gráfica: o cartaz, uma das novidades, foi instrumento de comunicação direta nas ruas, ao alcance de um olhar, tanto colado nas paredes,

como em *mupi's* ou impresso nos magazines. Nesta civilização do impresso, o jornal e o livro (ou, na interceção de ambos, o almanaque, então muito popular), em variedade e números crescentes, são os grandes objetos de massas – sobretudo o jornal, que foi a matriz desta «cultura industrial» (expressão do escritor Fialho de Almeida), impresso nas novas rotativas capazes de aumentar a capacidade de tiragem e, com isso, baixar os preços das publicações, permitindo alcançar novas franjas sociais de público leitor. Esta mudança, com a ironia própria do olhar sociológico de Eça de Queirós, mas refletindo entre nós um debate europeu sobre a disputa entre jornalismo e literatura, foi assim posta em caricatura bem sugestiva:

«Tudo se começou a fazer por meio de vapor e de rodas dentadas – e para as grandes massas. Essa coisa tão maravilhosa, de um mecanismo tão delicado, chamada o indivíduo, desapareceu; e começaram a mover-se as multidões, governadas por um instinto, por um interesse ou por um entusiasmo. Foi então que se sumiu o leitor, o antigo leitor, discípulo e confidente, sentado longe dos ruídos incultos sob o claro busto de Minerva, o leitor amigo, com quem se conversava deliciosamente em longos, loquazes “Proémios”: e em lugar dele o homem de letras viu diante de si a turba que se chama o público, que lê alto e à pressa no rumor das ruas»¹³.

As capacidades tecnológicas na edição, em rápida evolução, permitiram de facto multiplicar as tiragens e introduzir operações em série nas várias fases de produção, dando resposta ao aparecimento

12 A. desc. - «A crise do livro: [...] a “revista” e o “magazine” é que triunfam», *Diário Ilustrado*. Lisboa, 40, 18.267 (17. set.1910), 2.

13 QUEIRÓS, Eça de - *Cartas Públicas*. Edição Crítica de Ana Teresa Peixinho. Lisboa: INCM, 2009, 189.

de públicos mais vastos, tanto em número como em diversidade social: os jornais diários, também em número crescente (relativamente ao enorme predomínio anterior dos periódicos semanais ou quinzenais), acrescentaram tiragens mais volumosas em tempo mais reduzido. Nunca se produziram tantas publicações periódicas, no seu conjunto, como no último quartel do século XIX (ver quadro).

criação de jornais no séc. XIX (por períodos)¹⁴

Período	Nº	Ø an.	%
< 1820	84	4,2	1,5
1821-1840	531	26,6	10,0
1841-1860	544	27,2	10,2
1861-1880	1.288	64,4	24,3
1881-1900	2.865	143,3	54,0
Total	5.312		

A partir da década de 1860, altura em que surgiu o *Diário de Notícias* (1864), o número de novos títulos excedeu pela primeira vez a média anual de meia centena. Já coincidindo com o aparecimento de *O Século* (1881), a grande explosão da imprensa de massas que marcou o período da *civilização do impresso* registou-se nas duas últimas décadas de Oitocentos¹⁵, durante as quais

se publicaram mais de 50% dos jornais e revistas criados em todo o século; nos últimos vinte anos, sobre as duas décadas precedentes, multiplicou quase por 2,5 o número de publicações periódicas criadas. Sem que se pretenda extrapolar para toda a rede urbana (geografia social e cultural que considero origem e matriz do processo de massificação), a relação entre o crescimento da imprensa lisboeta e a evolução da sua população constitui um indicador relevante na perceção do crescimento da imprensa. Antes de 1880, a população residente no interior da capital, com menos de 300 mil habitantes, tinha disponíveis tiragens diárias de 50 mil exemplares de jornais¹⁶, 17 mil dos quais por conta do *Diário de Notícias*¹⁷ isto é, cerca de um exemplar para 6 lisboetas. Já no início do século XX, quando o *Diário de Notícias* tirava cerca de 30 mil exemplares diários e o matutino *O Século* elevava tais tiragens para mais do dobro¹⁸, eram os lisboetas pouco mais de 400 mil residentes urbanos – a proporção seria, então, de um jornal para 4 habitantes. *O Século* tornava-se então um verdadeiro (e o primeiro) império mediático em Portugal, promotor de uma constelação de publicações diversas, pioneiro de inovações tecnológicas e de novos métodos de organização na atividade redatorial, empresa comercial com elevado capital e rentável ao ponto

14 Fonte trabalhada: RAFAEL, Gina; SANTOS, Manuela - *Jornais e Revistas Portugueses do Século XIX*. 2 vols. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998-2002.

15 Em geral, o nosso país, salvaguardadas em termos absolutos realidades diferentes, acompanhou o aparecimento da imprensa de massas noutros países, como a França; ver CHARLE, Christophe – *Le Siècle de la Presse (1830-1939)*. Paris: Édit. Du Seuil, 2004, pp. 136 e ss.

16 CUNHA, Alfredo da - *O Diário de Notícias. A Sua Fundação e os Seus Fundadores*. Lisboa: Tip. Universal, 1941, p. 10, n.

17 MIRANDA, Paula Cristina G. M. (2002). *As Origens da Imprensa de Massas em Portugal: o Diário de Notícias (1864-1889)*. Diss. Mestrado em Estudos Históricos Europeus. Évora: Universidade de Évora, p. 128.

18 SALGADO, Heliodoro (1894) - *A Insurreição de Janeiro : história, filiação, causas e justificação do movimento revolucionário do Porto*. Porto: Empresa Literária e Tipográfica, 1894, p. 60.

de o seu «patrão», Silva Graça, realizar fortuna considerável¹⁹ e rivalizar com os magnatas das finanças nos sinais exteriores de riqueza, ao ponto da sua residência lisboeta (hoje inexistente) ser então conhecida por Palácio Silva Graça²⁰.

Naturalmente, uma edição diária como a d'O Século (que em 1908 atingia uma média de 85 mil exemplares²¹ e, segundo testemunho de Raul Brandão, podia elevar a tiragem quase para o dobro em dias de acontecimentos mediáticos²²)



Edifício do antigo «centro comercial», junto aos Recreios da Amadora,
© Carlos Oliveira, 2017

19 Em setembro de 1914, na ata da assembleia geral da Sociedade Nacional de Tipografia consta: «A empresa do Século é das mais prósperas do país», realizando um capital de 360 mil escudos (ao nível de uma grande seguradora, por exemplo), sendo 250 mil escudos o capital de uma Sociedade J. J. da Silva Graça Limitada, então constituída (Lisboa, ANTT, EPJS/cx. 6860, fl. 7-8).

20 Consulte-se FIGUEIREDO, José de - «A casa do sr. J. J. da Silva Graça», in *Arquitetura Portuguesa*. Lisboa, 1: 12 (dez. 1908), pp. 45-47.

21 Redação - «O que é e o que será a “Ilustração Portuguesa”», in *Ilustração Portuguesa*. Lisboa, II, 125 (13 jul. 1908), p.

22 BRANDÃO, Raul (1998). *Memórias I*. Ed. J. C. Seabra Pereira. Lisboa: Relógio d'Água Edit., p. 142 [1ª ed., Porto: Renascença Portuguesa, 1919]; a referência reporta-se à ocorrência do Regicídio em 1908.

não se esgotava no espaço de origem e escoava para uma periferia suburbana ou próxima onde, em breve, este jornal veio a criar sucursais, nomeadamente nas vilas de Almada e da Amadora (neste último caso, situada no local então designado por «centro comercial», situado na esquina diametralmente oposta ao edifício dos Recreios da Amadora). Seja como for, a circulação de jornais nos meios urbanos era considerável nesses anos dourados da imprensa.

Para tanto, os jornais, sobretudo, mas também algumas revistas de maior difusão, criaram estratégias de mediatização do espaço público, como forma de impor a sua presença através da notícia: a abertura de sucursais em pontos centrais da geografia urbana e, especialmente, a implantação de quiosques de rua em largos ou outros lugares de passagem frequentes na cidade, traduziram-se numa omnipresença do jornal e, em geral, das publicações. Nestes locais, a informação era exposta para livre leitura dos transeuntes, como atesta um jornalista lisboeta em 1908:

«Por toda a parte, onde os jornais têm “placards”, o povo estaciona, em massa, comentando os acontecimentos»²³.



Multidão nas ruas de Lisboa, Cais do Sodré, c. 1910
Joshua Benoliel, 1910

23 In *O País* (21 ag. 1908).

E, conforme reiterava um jornal portuense, antes de chegarem aos pontos de venda, ainda antes de apregoadas pelas ruas, as notícias eram publicadas «primeiro num *placard* que fizemos afixar nos lugares do costume»²⁴. Pois, além do processo de afixação pública dos jornais (inexistente noutros países), a venda ambulante por centenas de ardinhas, que diferiam oralmente as manchetes do dia, completava a mediatização do espaço urbano num espetáculo de múltiplos sentidos. Para uma visão aproximada do impacto da venda ambulante de jornais, pode referir-se que, em 1865, só nos primeiros seis meses de publicação do *Diário de Notícias*, a venda avulsa passou de 30 para as mãos de 100 ardinhas; até ao final de Oitocentos, o número dos vendedores de folhas avulsas na rua não parou de crescer e a eles recorreram mesmo jornais e revistas não diários, como a *Ilustração Portuguesa*, que em 1906 contava com 100 ardinhas e, dois anos depois, à saída das suas instalações em Lisboa aguardava a hora da distribuição uma mole de 300 ardinhas ao seu serviço²⁵. A criação de uma Associação de Socorros Mútuos e Escolar dos Vendedores de Jornais, em 1887, é demonstração segura não só do relevo socioeconómico como da importância cultural desta atividade que, em 1891, tinha registado nos livros de matrícula dos ardinhas no Governo Civil de Lisboa um número acumulado até então de 9.750 indivíduos²⁶.



Quiosque de *O Século*, Lisboa à Estrela
Joshua Benoliel, 1909



300 ardinhas esperam a saída de *O Século*
Joshua Benoliel
In *Ilustração Portuguesa*, 13 jul. 1908, p. 42

Não é demais insistir: é de uma cultura de rua que então se tratava²⁷. Torna-se, por isso, icónica, mais do que simbólica, a fotografia que Joshua Benoliel

24 In *O Comércio do Porto* (5 out. 1908).

25 «O que é e o que será a “Ilustração Portuguesa”», art. cit.

26 CUNHA, Alfredo da - *O Diário de Notícias. A Sua Fundação e os Seus Fundadores*. Lisboa: Tip. Universal, 1914, pp. 36-40.

27 Ver DIAS, Luis Augusto Costa Dias - *La calle y la «masa semiletrada»*: reconstitución de itinerarios populares en la transición del siglo XIX al XX. Conferência no XIII Seminario Anual De la casa a la calle: lugares, usos y apropiaciones de la cultura escrita (siglos XVI-XX), Universidade de Alcalá, 2017 (no prelo)

inseriu na capa de um magazine com a imagem de um «galego» ou «moço de fretes» da cidade, lendo «à esquina», para usar a própria legenda da imagem na publicação²⁸. Uma tal imagem é a mais radical iconização das novas práticas culturais das camadas sociais emergentes. Mas a rua não era apenas o espaço de circulação e leitura de periódicos, como era também da venda de livros em mercados ou em bancas na calçada, como objetos ao alcance de todos.



«À esquina», Joshua Benoliel
In *Ilustração Portuguesa*, 21 set. 1908, capa

Ora, a edição (e o editor), tanto mais passados os tempos heroicos dos livreiros de Setecentos a meados de Oitocentos, longamente amparados pela decisiva proteção da deusa das artes, vão vincar a dupla face que Bourdieu já assinalou neste campo de atividade, podendo pender para um polo ou para o outro: «o amor puro da

arte e o amor mercenário do dinheiro»²⁹. Como as duas caras de Jano, o deus romano assim representado na mitologia, o campo da edição estabelece, sociologicamente falando, um «duplo jogo» que pode ir, no limite, «até à submissão às necessidades do mercado e aos usos mercenários do editor “puro”». Historicamente, no período de emergência da cultura de massas – da cultura em massa, da massificação de objetos culturais, sobretudo os impressos, na época em estudo, mas também os espetáculos de que o cenário urbano é o maior de todos³⁰ –, os novos editores e os novos tipos de edições surgiram num contexto de expansão da leitura, de aparecimento de novos leitores, de novos hábitos e gostos, muito em particular, como assinalou um colunista da época, segundo a «necessidade incessantemente renascida de procurar a variedade, de achar novidades» conforme «o paladar do leitor [...] que absorve especialmente toda a curiosidade moderna»³¹. Fialho de Almeida, tão bom escritor como sociólogo atento, identificava esse «forte colosso» dos tempos novos com «a multidão, cuja voluptuosidade se complicou, reclamando novos prazeres e novos excitantes»³²; e, como elemento social mais radical desta mudança, sublinhava as «flutuações de gosto da gente grosseira, principal

29 BOURDIEU, Pierre - «Une révolution conservatrice dans l'édition», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*. Paris, 126-127 (mars 1999), pp. 16-17.

30 SILVA, João - *Entertaining Lisbon: music, theater and modern life in the late 19th century*. Nova Iorque: Oxford Univ. Press, 2016.

31 Redacção - «O que é e o que será a “Ilustração Portuguesa”, cit., p. 42.

32 ALMEIDA, Fialho de - *Pasquinadas (jornal dum vagabundo)*. Porto: Livr. Chardron, 1904, p. 133 (1^a ed., Lisboa, 1890).

28 In *Ilustração Portuguesa*. Lisboa, II, 135 (21 set. 1908), capa. Ver reprodução.

clientela dos jornalinhos, dos almanaques e pequenos livros de narrativa e impressão»³³. A cedência ao mercado é, pois, uma face incontornável desta época de expansão do impresso, tanto mais visível quando se trata de zelar pela «mina de ouro» dos *best-sellers* da época. Exemplo extremo e sintomático, deixado nas *Memórias* do editor Henrique Marques (1859-1933), de que Roque Gameiro, aliás, fez o retrato, foi a interrupção da série *Rocambole*, de Ponson du Terrail, com tradução e chancela de várias casas editoras portuguesas em simultâneo. Com a morte do autor francês (nas campanhas da guerra franco-prussiana, em 1871), a continuação da saga rocambolesca foi encomendada a um escritor luso, hoje quase esquecido, Leite Bastos (1841-1886), jornalista do *Diário de Notícias* e «fecundo romancista», tão excêntrico quanto criativo e considerado o pai do policial português, que terá acrescentado anonimamente «mais oito volumes à coleção do *Rocambole*»³⁴ incluídos em Obras de Ponson du Terrail, de que se detetaram em bibliotecas nacionais, até ao momento, apenas 3 volumes, sob o título de *Maravilhas do Homem Pardo*. Leite Bastos fazia, aliás, parte de um círculo cultural popular que tinha por grande animador um ex-operário chapeleiro, Domingos Fernandes³⁵,

depois lojista e finalmente alfarrabista, que fundou uma Livraria Económica, pequena editora com sucesso comercial em literatura de cordel para os meios populares³⁶.



Retrato do editor Henrique Marques, por Roque Gameiro
In Memoriam de Henrique Marques, Lisboa, 1934

33 ALMEIDA, Fialho de - *Figuras de Destaque*. Lisboa: Livr. Clássica, 1923, pp. 187-195 (crónicas compiladas postumamente).

34 MARQUES, Henrique - *Memórias de um Editor*. Lisboa: Livraria Central Editora, 1935, pp. 85-94 (ed. póstuma).

35 Mais conhecido por ter publicado uma *Biografia Político-Literária do Visconde de Almeida Garrett*. Lisboa: Tip. Luso-Britânica, 1863; e, com o pseudónimo de Roberto Valença, *Podridões Modernas*. Lisboa: Livr. Económica, 1880 («poema realista» impulsionado por Camilo Castelo Branco).

Na outra face, a edição não deixou de equilibrar o interesse mercenário com o da arte, sem deixar de tirar também partido da sua qualidade, do prestígio dos artistas e das novas técnicas de impressão em gravura, nomeadamente com a introdução de obras de artistas da época capazes de tornar mais atrativa

36 MARQUES, ob. cit., pp. 79-87.

a edição de obras literárias. Roque Gameiro surgiu justamente nesse momento e, na companhia de um grupo de artistas com que colaborou - sobretudo Manuel de Macedo (1839-1915), Alfredo Morais (1872-1971) e Alberto Sousa (1880-1961) -, ocupou um lugar de destaque, que adiante será desenvolvido, na difusão da edição ilustrada.

Ora, juntamente com os jornais diários, generalistas, informativos e recreativos, assiste-se então ao triunfo do magazine, com tanto mais eficácia de entranhamento na leitura pública quanto mais alargados os sentidos da comunicação no recurso à imagem. A ilustração gráfica, primeiro, depois a fotografia, ampliaram os recursos visuais da comunicação na viragem de século. Não obstante a novidade da fotografia impressa em jornais e revistas, por volta e a partir de 1903, e a sua inclusão em publicações diárias por volta de 1908 com a generalização da reportagem fotográfica³⁷, a ilustração artística, embora condicionada pela poderosa imagem real do mundo, prosseguiu em magazines ilustrados e, sobretudo, nas novas coleções literárias de bolso ou edições literárias especiais em que Roque Gameiro se destacou desde os seus começos.

37 Em 1908, os repórteres da especialidade ao serviço d'O *Século*, como Benoliel, tiravam um número mínimo de 180 fotografias para cada exemplar quinzenal da revista *Ilustração Portuguesa*



Oficina de fundição de tipos da Imprensa Nacional, 1915, sem autoria.

“A DESENHAR E A DOCUMENTAR GRAFICAMENTE”

Cristina Gouveia*

Luís Augusto Costa Dias*

DO LUGAR DE MINDE À METRÓPOLE DE LISBOA

Filho de Manuel Roque Gameiro e de Ana de Jesus da Silva, Alfredo Roque Gameiro nasceu em 1864 em Minde, lugar que ao tempo pertencia ao concelho de Porto de Mós. Muito cedo, com apenas dez anos de idade, partiu para Lisboa, onde cumpriu estudos secundários no Colégio Académico Lisbonense, fundado no antigo Convento das Bernardas (formalmente extinto em 1834 e desocupado pelos religiosos em 1851 para instalação de um primeiro colégio); na segunda metade do século XIX, era tradição frequentar esse estabelecimento de ensino por quem prosseguia os estudos na Escola Politécnica, onde parece ter ainda frequentado um ano, pois o jovem Alfredo estava destinado a seguir carreira na Marinha¹.

Entretanto, iniciara a sua vida profissional como aprendiz na oficina litográfica Castro & Irmão, firma que, uma década antes, tivera uma prestigiosa escola de gravura em madeira, tempos do desenhador Nogueira da Silva (1830-1868) e do gravador João Pedroso (1823-1890), a cargo de quem esteve o trabalho gráfico da revista *Universo Pitoresco* na última fase da sua existência, embora a Castro & Irmão tenha prosseguido como editora

até ao século XX. Depois de concluir o curso secundário, Gameiro exibiu as primeiras aguarelas numa atividade comemorativa do Centenário do Marquês de Pombal, em 1882, um ano depois de ter começado a frequentar, à noite, aulas de desenho na Escola de Belas Artes onde foi discípulo de Manuel de Macedo (1839-1905), ilustrador e aquarelista com quem viria a colaborar mais tarde².



Escola de Belas Artes, gravura à pena aguarelada, desenho de Roque Gameiro (J. Novaes, gravador) in *Portugal Pitoresco Ilustrado*, 1903

Talvez por volta de 1883, pois não se conhece a data precisa, começa a trabalhar como desenhador de litografia com o seu irmão Justino Guedes (1852-1924), filho do primeiro casamento de seu pai com Quitéria de Jesus Guedes, e proprietário de uma tipografia que viria a ocupar uma posição importante no panorama editorial português³.

* Câmara Municipal da Amadora / Instituto de História Contemporânea, FCSH, Universidade Nova de Lisboa.

* Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (Ceis20) da Universidade de Coimbra.

1 Ver [Redação] - «Alfredo Roque Gameiro», in *Mala da Europa*. Lisboa (15 jul. 1895), p. 2.

2 ARTUR, Ribeiro (1898) - *Arte e Artistas Contemporâneos*. Lisboa: Livraria Férrin, pp. 11-12.

3 As primeiras notas biográficas de Justino Guedes foram publicadas por MARTINS, João Madeira - «Justino Guedes: justíssima homenagem», in *O Portomosense*. Porto de Mós, V: 219 (5 Jun.1903), p. 1; deverão completar-se com a obra do mesmo autor - *Justino Guedes. Retalhos de uma Vida*. Odivelas: Ed. do A. (Ofic. Tipográfica Particular), 1993.

A atividade da Tipografia Guedes, que também dava pela designação de Litografia Guedes, é conhecida a partir de 1879⁴, ano em que começou a imprimir *O António Maria*, a revista ilustrada de Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). Das suas oficinas saíram também *Perfis Artísticos*, uma revista de *Musica, Teatro e Belas Artes*, propriedade de Monteiro de Carvalho, e o *Almanaque Ilustrado* publicado pela prestigiada revista *Ocidente*, ambos em 1882. Mais tarde, em 1885, também são aí impressas as revistas *Pontos nos ii*, de Bordalo Pinheiro, e *A Comédia Portuguesa*, ou *Crónica semanal de costumes, casos, política, artes e letras*, que se começou a publicar em outubro de 1888 sob a direção literária do escritor Marcelino Mesquita (1856-1919) e ilustração do caricaturista Julião Machado (1863-1930). Trata-se, portanto, de uma empresa especializada na impressão litográfica e, por isso, amiúde requisitada para trabalhos gráficos com grande exigência, em que o papel do jovem artista poderia ser relevante.



Oficina de fundição de tipos da Imprensa Nacional. 1915, sem autoria.

4 Um artigo do *Diário de Notícias* (30 abr. 1887) situa o começo das atividades de Justino Guedes por volta de 1873.

NO MUNDO DAS ARTES GRÁFICAS

A chegada de Roque Gameiro às artes gráficas coincidiu assim com uma época de grande desenvolvimento industrial nos seus diversos sectores.⁵ De facto, foi entre o último quartel do século XIX e o início do XX que se assistiu à chamada revolução mecânica, conforme assinala o Inquérito Industrial de 1890. O desenvolvimento do sector gráfico era sustentado pelas estruturas mecânicas, conjugado com descobertas científicas e tecnológicas no âmbito da composição do texto, captação, gravação e reprodução da imagem. O grau de desenvolvimento alcançado tem, naturalmente, repercussões políticas, económicas, culturais e artísticas e a sua aplicação à produção editorial possibilitava uma maior facilidade, velocidade e qualidade na execução do material impresso e um aumento exponencial das tiragens no final do século XIX.

Foram adotadas novas técnicas na litografia e na cromolitografia, registaram-se progressos assinaláveis na composição das ligas dos caracteres tipográficos, verificou-se uma melhoria na qualidade do papel e na diminuição do seu custo, aperfeiçoaram-se e mecanizaram-se os prelos, instalaram-se as máquinas a vapor nas oficinas, sobretudo nas de maior dimensão, encetou-se a utilização da energia elétrica com novas máquinas motoras e transmissoras, equiparam-se os sectores gráficos e tipográficos com rotativas e *off-set*, em suma, foram criadas as condições técnicas capazes de realizar a maior rapidez com a máxima eficiência que levam à produção em série,

5 Sobre o surto de mecanização nas duas últimas décadas do século XIX, ver PEREIRA, Miriam Halpern - *Livre Câmbio e Desenvolvimento Económico*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1982, pp. 86, 249, etc.

com resultados nunca antes alcançados ao nível da qualidade e da quantidade das publicações.⁶ Este foi também o tempo em que, reconhecendo a necessidade de formação adequada, o Ministério das Obras Públicas, então chefiado por António Augusto de Aguiar, definiu e regulamentou o ensino industrial em Portugal na década de 1880, criando as Escolas Industriais e de Desenho Industrial em 1884. As escolas de Artes Decorativas ou de Belas Artes acompanharam este processo e introduziram estudos de artes gráficas nos seus currículos, com níveis de profissionalização no arranjo gráfico de livros, jornais, decoração de montras e nos meios publicitários. Mas, não obstante a intervenção legislativa e as dinâmicas de renovação que suscitaram, as medidas tomadas foram insuficientes e o ensino das artes gráficas em Portugal seria, durante muitas décadas, uma das maiores reivindicações de tipógrafos e impressores.

GANHAR MUNDO EM LEIPZIG

Procurando colmatar a necessidade de profissionais habilitados na indústria gráfica, foi ainda o ministro das Obras Públicas que lançou, em dezembro de 1883, um concurso para atribuição de bolsas destinadas ao estudo das artes gráficas em escolas internacionais.⁷

6 Sobre o desenvolvimento da indústria veja-se DAUMAS, Maurice (org) - *Histoire General des Techniques*, vol. V. Paris: Presses Universitaires de France, 1979.

7 De acordo com a dissertação de Mestrado de GAMEIRO, Maria Alzira Achega Roque - *Do Museu Roque Gameiro ao Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro*. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009 (Disponível em http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/maria_gameiro_1.pdf), a candidatura à bolsa de estudo foi acompanhada por uma carta em que Justino Guedes explica a importância que tinha para a sua Litografia a contratação de operários especializados provenientes de países onde as artes gráficas estavam mais desenvolvidas.

Um dos contemplados foi o jovem Alfredo Roque Gameiro que, em 1884 e com vinte anos de idade, ganhou mundo ao partir para a Alemanha onde iria estudar artes e ofícios naquela que era a segunda maior escola do país, a Academia de Desenho, Pintura e Arquitetura de Leipzig, criada em 1764 por Adam Friedrich Oeser, pintor da corte da Saxónia.⁸

Nesta cidade, então conhecida pelas grandiosas feiras do livro, Gameiro encontrou na academia de artes gráficas, que frequentou durante quase três anos, um programa curricular em que constavam as oficinas de xilogravura (gravura em madeira), gravura, litografia, encadernação e também de edição do livro, matérias que se revelariam fundamentais para o desempenho das suas atividades gráficas, artísticas e letivas futuras. Dirigida à época pelo pintor e gravador Ludwig Nieper (1826-1906), durante a estadia de Gameiro, logo em 1883, foi ainda criado um novo departamento de fotografia. Em 1890, a escola viria a ser renomeada como Real Academia de Artes Gráficas e Edições, com adoção de novo currículo, em 1893, que promoveu o estreitamento, até então inédito, das relações entre as artes gráficas e a indústria do livro. Durante a sua estadia na Alemanha, Roque Gameiro trabalhou ainda na Litografia Meissner & Buch e nunca deixou de litografar composições artísticas que o irmão lhe

8 Existem algumas notícias que dão conta da atribuição da bolsa de estudo, designadamente, *Diário de Notícias* (30.04.1887) e *Ecoss da Avenida* (05.06.1898). Sobre a Escola de Leipzig podem consultar-se: BUCKLAND, Michael - *Emanuel Goldberg and his Knowledge Machine: information, invention, and Political Forces*. Westport: Libraries Unlimited, 2006; AYNLEY, Jeremy - *Graphic Design in Germany, 1890-1940*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press / Thames and Hudson Ltd, 2000.

enviava de Portugal, e são também conhecidas as visitas que fez então a Praga e inúmeras deslocações a Paris.⁹

De regresso a Portugal em 1887, Roque Gameiro assumiu a direção de oficinas da Tipografia Guedes. Com as novas máquinas para diferentes tipos de trabalho em pleno funcionamento – é agora possível dourar, acetinar e gratinar o papel, e ainda aperfeiçoar a litografia –, o espaço escasseia nas instalações da Rua da Oliveira ao Carmo, e Justino Guedes procura outra oficina para acomodar os equipamentos, entretanto adquiridos, e que lhe permitirão criar novas secções para a fotografia e a zincogravura.

Mas a valorização da empresa não foi completada sem o contributo de Gameiro, o seu alento e a efetiva aplicação dos conhecimentos em artes gráficas obtidos na Alemanha, que ele veio a utilizar para retirar o maior proveito das máquinas ao seu dispor, melhorar a qualidade artística dos trabalhos realizados e, não menos importante, formar em desenho litográfico os jovens aprendizes que a tipografia começou a recrutar. Esta questão do ensino e formação do aprendizado pela mão de Roque Gameiro, na Litografia Guedes, é um assunto muito comentado na imprensa da época, sobretudo no *Diário de Notícias* onde por mais de uma vez é mencionado, dando conta da vontade de Roque Gameiro em abrir um «curso de desenho aplicado às especialidades que professa», ou afirmando que «o rapaz que tenha a felicidade de ser recebido na litografia, poderá cursar qualquer curso noturno de desenho para se aperfeiçoar».¹⁰

Convém salientar, o que aqui interessa não é tanto o facto de esse ser um tema então recorrente nos jornais, mas a forma como o assunto é abordado. Nota-se, em forma laudatória, é certo, como o virtuosismo de Gameiro é sublinhado, mas o que é realmente importante é o modelo, o comportamento exemplar do jovem talentoso que devolve em génio o saber que a sociedade lhe possibilitou, transmitindo-o a outros jovens e, nessa medida, engrandecendo a empresa onde trabalha e, por essa via, o país. De resto, a formação e o ensino serão temas centrais na vida de Roque Gameiro, enquanto aluno e mais tarde como professor, atividade que sempre desenvolveu, primeiro com os aprendizes na oficina, depois com os seus alunos na escola Industrial Rodrigues Sampaio, e sempre com os seus filhos e os amigos destes, na casa da Venteira e no ateliê em Lisboa.



Companhia Nacional Editora no Largo do Conde Barão, sem autoria e sem data.

9 GAMEIRO, Maria Alzira Achega Roque, ob. cit., p. 53.

10 Estas duas expressões surgem no *Diário de Notícias*, a primeira em 30 de abril e a segunda em 22 de novembro de 1887.

O MUNDO DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

A Tipografia Guedes alcançara um prestígio e uma dimensão tais que o seu proprietário entendeu estarem reunidas condições para encetar novos passos na área das artes gráficas e da edição. O primeiro passo de Justino Guedes nesse sentido foi dado em finais de 1888 — à testa de um consórcio de empresários, à época designado por «sindicato»¹¹ ou, nas palavras de um tipógrafo da época, «a trupe magna do senhor marquês da Foz»¹² — para a aquisição de todo o ativo de importante editora pertencente a David Corazzi (1845-1896), um bem-sucedido empresário de origem italiana estabelecido em Portugal e no Brasil que, por motivos de doença pulmonar agravada, decidira alienar o seu património. Uma das últimas edições de Corazzi foi um *Álbum de Costumes Portugueses*, obra coletiva que contou, entre outras, com ilustrações de Alfredo Roque Gameiro.¹³

Ora, ao recensear com pormenor as publicações impressas na tipografia de Justino Guedes, nomeadamente a revista *O António Maria*, ficamos a saber que em 1879 esta publicação ilustrada por Bordalo Pinheiro era impressa na Litografia



“Preto de São Jorge”, texto de Fialho de Almeida, in *Album de costumes portuguezes*, David Corazzi, 1888.

Guedes, sita na antiga Rua Vasco da Gama, 9 (para os lados de Santos, em Lisboa); e, em 1880, situava-se na Rua da Oliveira ao Carmo, 12 (na alta, perto das ruínas do Convento do Carmo), onde as oficinas estavam ainda localizadas em outubro de 1888 quando a revista *A Comédia Portuguesa* se começou a publicar e aí se manteve até ao final desse ano¹⁴. Foi então que ocorreu a compra da editora de Corazzi, já que em janeiro de 1889 e ao longo do ano, a *Comédia Portuguesa* indicava já ser litografada por uma nova Companhia Nacional Editora, com sede no Largo do Conde Barão e oficinas na Rua da Rosa, que teve em Justino Guedes o seu administrador

11 PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme - *Portugal. Dicionário Histórico, Biográfico, Bibliográfico, Heráldico, Corográfico, Numismático e Artístico*. Vol. II. Lisboa: Romano Torres, 1906, p. 1130-1131.

12 Ver BARRETO, José - «Os tipógrafos e o despontar da contratação coletiva em Portugal (I)», in *Análise Social*. Lisboa, XVII: 66 (1981-2.º sem.), p. 276.

13 *Álbum de Costumes Portugueses: cinquenta cromos cópias de aquarelas originais*. Lisboa: David Corazzi, 1888; este álbum integrou a reprodução de 50 aquarelas de Roque Gameiro, Columbano Bordalo Pinheiro, Condeixa, Manuel de Macedo, José Malhoa, Rafael Bordalo Pinheiro e outros, incluindo textos de Fialho de Almeida, Júlio César Machado, Manuel Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão e Xavier da Cunha.

14 Nesta altura, segundo artigo de Eduardo Coelho Júnior no *Diário de Notícias* (4 jul. 1888), trabalhavam 50 operários na Litografia Guedes com uma grande máquina de impressão a vapor, além de 14 máquinas litográficas, metade das quais a vapor.

principal.¹⁵ Resta acrescentar que foi neste período que Roque Gameiro inseriu ilustrações na *Comédia Portuguesa*, entre março e setembro de 1889, nomeadamente um retrato a pena de Eduardo Coelho, jornalista e fundador do *Diário de Notícias*, nesse ano falecido¹⁶; e ainda outro do publicista Oliveira Marreca, de que foi feita estampa separada em litografia da Editora no mesmo ano.¹⁷ E, de facto, datam deste último ano as primeiras obras publicadas com chancela da nova editora. A editora de David Corazzi fora, à época, uma das mais conceituadas empresas livreiras nacionais. Com um elenco notável de obras publicadas, que vão desde os romances cor-de-rosa e de aventura, sob chancela de uma designada Empresa Horas Românticas (a que o testemunho muito atento de Fialho de Almeida chamou a moda «dos romances Corazzi»¹⁸) até à célebre coleção «Biblioteca do Povo e das Escolas», David Corazzi publicou no âmbito desta última, entre 1881 e 1891, mais uma

15 Justino Guedes era então empresário de folego financeiro, simultaneamente «diretor das oficinas litográficas da “Companhia dos Tabacos de Portugal”» desde 1879, «administrador da antiga fábrica Bachelay de fundição», além de sócio fundador da «antiga fábrica de vidros da Amora» (MADEIRA, ob. cit, pp. 8-9).

16 Este retrato foi congratulado nas páginas do *Diário de Notícias* (19 maio 1889). Alfredo Roque Gameiro conhecia pessoalmente, por intermédio do seu irmão Justino, o diretor do *Diário de Notícias*, e privara com o filho, Eduardo Coelho Júnior, desde os tempos das suas viagens entre Paris e Leipzig; ver referência a algumas cartas de Alfredo a Justino in GAMEIRO, Maria Alzira Achega Roque, ob. cit.

17 [Lisboa]: Litografia da Companhia Nacional Editora, 1889; exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP - E. 170 R.); o jornal *O Dia* (24 abr. 1889) dava conta de outro retrato de Camilo Castelo Branco, integrado numa série de retratos de *Celebridades* executado por Roque Gameiro.

18 ALMEIDA, Fialho de - *As fotografias, in Pasquinadas (Jornal dum Vagabundo)*, Porto 1890, p. 20.

centena de livros sobre a vulgarização dos saberes.¹⁹ Foi justamente nesta coleção que Joaquim dos Anjos, um dos nomes maiores da tipografia portuguesa publicou, em 1886, o primeiro *Manual do Tipógrafo* que se conhece e que chegou a ser reeditado por três vezes, a última das quais em 1890, já sob a chancela da Companhia Nacional Editora. Homem de uma enorme cultura, Joaquim dos Anjos, que era também poeta e tradutor de obras em castelhano, francês e italiano foi, durante muitos anos, compositor e, mais tarde, revisor tipográfico da Companhia Nacional Editora.²⁰

Depois da compra da Editora de David Corazzi, os administradores da Companhia Nacional Editora pretenderam, ainda em 1888, criar um verdadeiro império no ramo das artes gráficas e tentaram, no entanto sem êxito, integrar no seu património a Imprensa Nacional. Não obstante falhado o negócio, a Companhia Nacional Editora tornou-se na maior empresa privada do ramo existente no país; e, de acordo com o Inquérito Industrial de 1890, existiam nos seus quadros 8 mestres, 113 operários, e 28 aprendizes. Tais números só são ultrapassados pela empresa pública Imprensa Nacional que conta com 15 mestres, 218 operários, e 26 aprendizes.²¹ Ora, estes valores mostram que o número de mestres e de operários existentes na Companhia Nacional Editora era de cerca de metade dos que tinham os mesmos grupos profissionais da Imprensa Nacional; no entanto, o

19 Sobre esta coleção didática, que se estendeu até 1913 com 237 livros, ver sobretudo DOMINGOS, Manuela - *Estudos de Sociologia da Cultura: livros e leitores do século XIX*. Lisboa: Instituto Português do Ensino à Distância, 1985.

20 VIEIRA, Alexandre - *No Domínio das Artes Gráficas*, Lisboa, Ed. do A., 1967, p. 40.

21 BARRETO, art. cit., p. 270

panorama altera-se radicalmente no que respeita aos aprendizes que são em maior número naquela Editora. Talvez não seja infundado concluir que tal facto se devia à qualidade das aulas aí ministradas por Roque Gameiro nos cursos noturnos de desenho litográfico.



Pedido de registo da Patente de Gelatinografia, 23 de dezembro, 1889

A INVENÇÃO DA «GELATINOGRRAFIA»

Enquanto responsável pela conceção e orientação gráfica da Companhia Nacional Editora, Roque Gameiro dedicou-se em particular e, ver-se-á, com sucesso, a desenvolver e aperfeiçoar novas técnicas de gravação e impressão com resultados surpreendentes não apenas na qualidade do trabalho como também na redução de custos e do número de procedimentos necessários à sua execução. Prova disso é o pedido que faz, em 23 de Dezembro de 1899, registado em 15 de fevereiro de 1892, da patente da invenção de um novo «processo para a reprodução de desenhos denominado *Gelatinographia*».

Tal como é descrito, esse processo consistia no «emprego de folhas de gelatina ou de outra qualquer matéria gelatinada ou gomada transparente», através de três procedimentos ou processos alternativos cujo «resultado é o mesmo» na reprodução tanto de «estampa, esboço, fotografia ou aquarela que se pretende reproduzir».²²

22 GAMEIRO, Alfredo Roque - [Registo de patente de invenção], documento transcrito em anexo, para o conhecimento do qual se agradece a João Cabral, bisneto de Roque Gameiro. De referir ainda que a *Voz da Amadora* em 7 de maio, 1982, p.11, publicava um *fac-simile* e a transcrição do seu conteúdo, num artigo assinado por Mendes Ormigo e que fazia parte de um conjunto mais vasto de textos publicados neste jornal em 1982.

Desta invenção, a propósito da utilização abusiva do seu invento por dois antigos funcionários, é publicado em 1892, um artigo no jornal *O Século* que dá conta do processo praticado por Roque Gameiro na Companhia Nacional Editora onde «exerce o lugar de diretor da oficina litográfica»:

«Há cerca de três anos que o sr. Alfredo Roque Gameiro, desenhador litográfico, descobriu, ao fim de bastantes experiências e árduo trabalho, um novo processo para o desenho litográfico, que, além de excessivamente prático, barateia imenso os produtos, não só de litografia como ainda da zincografia, à qual pode ser aplicado, não desmerecendo em nada, na beleza da execução sobre os antigos processos».²³

GREVE OPERÁRIA NA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Às inovações verificadas ao nível das condições técnicas de produção não corresponderam melhorias significativas na vida dos operários que continuavam com jornadas de trabalho entre as 10 e as 14 horas diárias, sem descanso semanal e a padecer de graves problemas de saúde, como a tuberculose, devido à insalubridade e à pouca ventilação das oficinas que favoreciam a acumulação de gases tóxicos.

Na tentativa de alterar a situação descrita a que, no caso concreto, se somava a disciplina férrea do diretor da oficina, em Abril de 1890, os compositores e impressores da Companhia Nacional Editora iniciaram uma greve que teve como consequência imediata o despedimento de todos eles. Após duras negociações mantidas, por mais de uma semana, entre a Liga das Artes

Gráficas, liderada por Azedo Gneco (1849-1911), e a administração representada por Justino Guedes e António Centeno, as partes chegavam a acordo e os trabalhadores saíram vitoriosos. Como refere José Barreto, foi o «diretor da oficina demitido, condições satisfeitas, readmissão de todo o pessoal, nomeação de um diretor técnico». Em resultado:

«Foi esta a primeira negociação e o primeiro acordo escrito entre uma associação sindical tipográfica e a administração de uma empresa. Pela primeira vez tipógrafos viam reconhecida pela entidade patronal a sua organização de classe.»²⁴

Serve este episódio para apresentar o oficial da tipografia da Companhia Nacional Editora, agora admitido como diretor das suas oficinas, o mestre tipógrafo Libânio da Silva (1854-1916); foi um dos mais prestigiados na sua profissão e, à semelhança de Joaquim dos Anjos, também ele autor de um *Manual do Tipógrafo* publicado na coleção «Manual do Operário» pela Biblioteca de Instrução Profissional, por volta de 1908, segundo data que tem sido apontada a uma edição rara²⁵, somente reimpressa em 1962. Participou na Exposição Universal de Paris, em 1889, após o que dedicou algum tempo a proferir conferências e a relatar os exemplos de boas práticas aí observados, chegando a ser colaborador do *Bulletin Officiel de l'Union Syndicale des Maîtres d'Imprimerie de France*.

24 BARRETO, art. cit., p. 277.

25 A Biblioteca de Instrução Profissional situava-se em Lisboa, com filiais no Porto e no Brasil (onde era distribuída por Francisco Alves & C^a Livresiros Editores); iniciada por Tomás Bordalo Pinheiro, tinha várias séries, uma das quais de manuais de ofícios que incluiu este título.

23 [Redação] - «Indústria Nacional», in *O Século* (1 fev. 1892).



Caricatura de Libânio da Silva feita por ocasião do espetáculo *Damas e Varões Assinalados*, em 1914

Pelo teor de um artigo publicado no jornal *O Impressor*, percebe-se que Libânio da Silva não continuou por muito tempo à frente da tipografia da Companhia Nacional Editora. Salientando a sua nobreza de carácter o texto, assinado por Couto Nogueira, sublinha o seguinte:

«Deu-se a greve. Chamado para se encarregar da direção das oficinas anuiu, com a condição de serem todos admitidos e do preço da linha não ser alterado. E no dia em que não pôde continuar a cumprir o que prometera, demitiu-se, faltando assim apenas a uma parte do seu comprometimento, aquela que não dependia dele».²⁶

Data assim desta época o início da relação, que se manterá por longos anos, entre Alfredo Roque

Gameiro e Libânio Venâncio da Silva²⁷, aos quais viria a juntar-se um pouco mais tarde o poeta Delfim Guimarães, cujo estreitar de laços não será certamente alheio ao facto de todos eles residirem na Amadora, no final de 1898, e integrarem a Liga de Melhoramentos desta localidade.

O ILUSTRADOR DE COSTUMES

Tem sido consensual, nas resenhas biográficas sobre Roque Gameiro, afirmar que este viria a desligar-se da Companhia Nacional Editora quando, em 1894, foi provido no lugar de professor da Escola Industrial Príncipe Real (criada por decreto no ano seguinte²⁸), situada entre a Estrela e o Rato, onde lecionou alguns anos. Certo é que, depois disso, o artista colaborou com trabalhos de ilustração em títulos publicados com chancela da Editora – bastará nomear as célebres ilustrações para a edição de *As Pupilas do Senhor Reitor*, de Júlio Dinis, em 1900, obra que tem sido considerada como um dos pontos altos da sua carreira de ilustrador. Mas não se sabe, o que era importante conhecer, se Roque Gameiro manteve ainda (e por quanto tempo) alguma relação com a verdadeira escola de aprendizes que faziam o seu tirocinio em aulas noturnas naquela Editora²⁹; mas algumas

27 Segundo detalhada descrição do jornalista Mariano Pina no *Correio Nacional* (11 mar. 1893) da 3ª exposição do Grémio Artístico de Lisboa, Roque Gameiro exibiu um *Retrato do sr. Libânio da Silva* que, nas páginas de *O Século* (2 jul. 1893), era apreciado pelo crítico Emílio de Brito Monteiro (pseud.: João Sincero).

28 Segundo a imprensa da época, a nomeação ocorreu ainda em 1893, ver, p.e. *O Universal* (24 dez. 1893). Trata-se da 2ª secção em que se desdobrou a Escola Técnica Preparatória, criada em 1892; cerca de 15 anos depois, a Escola Industrial, ao Rato, autonomizada em 1895, foi designada por Escola Industrial Machado de Castro.

29 *Diário de Notícias*. Lisboa, 22 nov. 1887.

26 *O Impressor*. Lisboa, 4 (28 jan. 1907), p.2.

Por meu primo e amigo Sr. Justino Guedes
 da qual parte
 se deu taluz a uma amável e simpática
 tive ocasião de ver além de uma carta
 onde se apontava o meu procedimento para
 com V. Ex.^a e uma conta dos meus honorários
 a essa Companhia desde o anno de 1903.
 Concorde plenamente por as mesmas quantias
 que a conta acima exposta e a qual se
 a expressão da verdade isto é ali estão expostas
 ainda tendo as verbas que eu por um contrato
 com a referida Companhia tenho direito
 consequentemente dos meus honorários por sempre me
 prestei de cumprir -
 A conta abrange até o tempo que
 decorre desde 1903 até 1908 sem as fin
 do 1º semestre de 1908 e por ella se deia
 ver o seguinte abstrahendo o taluz a meu
 favor em janeiro de 1903
 em 1903 - 1.542,20
 1904 - 1.000,00
 1905 - 1.250,00
 1906 - 974,75
 1907 - 531,30
 1908 - 0,00
 Total a minha favor - 4.298,25

Carta de Roque Gameiro a Justino Guedes, c.1908-1910

informações permitem pensar que essa escola-
 ateliê, ministrada por Gameiro nas instalações da
 Companhia Nacional Editora, se manteve até ao
 começo do século XX – nomeadamente «com a
 frequência, à noite, da aula de modelo vivo que os
 desenhadores de Roque Gameiro tinham instalado

na própria sala de trabalho» e de que usufruiu o
 muito jovem discípulo Alberto de Sousa.³⁰

Todavia, de acordo com o rascunho inédito de
 uma carta a Justino Guedes, datável entre 1908
 e 1910, para acerto de contas com A Editora³¹,
 é possível saber que o artista manteve até final
 de 1907 os «salários como diretor artístico da
 Sociedade», incluindo «os respetivos lucros»
 dos trabalhos de orientação gráfica realizados, à
 «percentagem». Além disso, manteve o pagamento
 «devido aos meus trabalhos como extraordinário»,
 portanto correspondentes à produção de ilustrações
 encomendadas para determinadas obras, como «a
 importância das ilustrações das Pupilas [do Senhor
 Reitor] e os outros trabalhos que fiz». Porém, deixou
 de receber os seus ordenados como empregado a
 tempo inteiro, depois de sair da Editora, numa data
 anterior a 1903, «com a intenção de trabalhar na
 minha obra de Costumes».³²

Ora, esta *sua obra*, que Gameiro refere no mesmo
 documento, por duas vezes, com a simples
 designação de *Costumes*, sem especificar o seu
 conteúdo, não conduz a uma identificação fácil
 de resolver. Ressuma apenas a ideia de que a ela
 muito especialmente se dedicava então, pois tinha
 o objetivo de a publicar como trabalho de fôlego.
 Numa primeira hipótese, não se descarta que

30 A entrada sobre Alberto de Sousa na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (Vol. 29. Lisboa / Rio de Janeiro: Edit. Enciclopédia, 1975, p. 757), reproduzindo palavras de Albino Forjaz de Sampaio, refere que o jovem artista foi admitido, em 1897, no ateliê de aulas gratuitas dirigido, na Companhia Nacional Editora, por Roque Gameiro.

31 A Companhia Nacional Editora mudou a sua designação para A Editora entre 1900 e 1901.

32 Documento, cujo conhecimento se agradece a Joana Leitão de Barros, bisneta de Roque Gameiro.



O Rapaz vendedor de cebolas, in *Branco e Negro*, 5 de dezembro, 1897, p.147.

essa «obra de costumes» correspondesse a um trabalho que em 1904 foi anunciado no *Diário de Notícias*, composto de «uma numerosa série de aquarelas [...] que representam cenas, tipos e costumes genuinamente portugueses, abrangendo quase todos a primeira metade do século XIX».³³ Apurava ainda o jornalista junto de Roque Gameiro que, «segundo o seu plano, [...] em repetidas conversações com os seus amigos, a coleção em que está trabalhando intitular-se-á, provavelmente, “Portugal Velho”», chegando a mencionar alguns temas para aquarelas que o artista exibiu ao

33 E. N. - «A história pela imagem», in *Diário de Notícias* (13 julho 1904)

jornalista. Esta descrição remete para uma obra de edição já tardia que funde pendor historicista e cenas populares (não propriamente costumes, no sentido etnográfico), que veio a ser o *Portugal de algum dia*, só muito tardiamente publicado, em 1931, num primeiro fascículo (ainda assim incompletamente, pois não passou de quatro)³⁴; mas, antes, algumas das suas aquarelas foram expostas em 1920, numa exposição de ateliê divulgada na imprensa.³⁵

Sem excluir esta hipótese, uma outra pode conduzir a um trabalho anterior, centrado em preocupações próximas, porém de teor exclusivamente etnográfico, que quadra mais diretamente na linha de obras iniciada no seu contributo para o *Álbum de Costumes Portugueses*, de 1888, e predominante nos trabalhos do artista até ao fim do século. A hipótese é, portanto, a de que, no esteio dessa linha de predomínio etnográfico, poderá tratar-se do título genérico de *Costumes Portugueses* dado por Roque Gameiro a um conjunto que começou a publicar nas páginas da revista *Branco e Negro*, entre 1897 e 1898; neste magazine ilustrado da Editora António Maria Pereira, o artista fez inserir, em ritmo semanal, uma galeria de figuras sociais que totalizou 22 aquarelas de tipos populares lisboetas, suspendendo com o termo dessa publicação periódica, sem nunca ter reunido em obra um conjunto certamente mais vasto.

34 Ver ABREU, Maria Lucília - *Roque Gameiro: o Homem e a Obra*. Lisboa: ACD Editores, 2005, cap. IV.

35 In *Ilustração Portuguesa*. Lisboa, 2: 750 (5 jul. 1920), pp. 6-7, onde foram fotografadas algumas das aquarelas expostas.

Vale a pena, por isso, elencar esse friso de ilustrações de *Costumes Portugueses*, que constituem um projeto uno, incidentalmente interrompido:

Branco e Negro, Lisboa

<i>Vendedora de laranjas</i>	3 out 1897, capa
<i>Uma soubrette</i>	31 out 1897, capa
<i>As cigarreiras</i>	14 nov 1897, p. 103
<i>O fragateiro</i>	21 nov 1897, p. 115
<i>Varinas (trajo moderno)</i>	28 nov 1897, p. 133
<i>O rapaz vendedor de cebolas</i>	5 dez 1897, p. 147
<i>A leiteira</i>	12 dez 1897, p. 163
<i>O moço de esquina</i>	19 dez 1897, p. 179
<i>Criada a compras</i>	26 dez 1897, p. 197
<i>Os calceteiros</i>	2 jan 1898, p. 211
<i>A varina (trajo antigo)</i>	9 jan 1898, p. 227
<i>Um quiosque na mouraria</i>	16 jan 1898, p. 243
<i>A lavadeira</i>	23 jan 1898, p. 259
<i>Galegos (trajo antigo)</i>	30 jan 1898, p. 275
<i>Vendedor de agulhas e alfinetes</i>	6 fev 1898, p. 291
<i>Pedinte vendedeira de cautelas</i>	13 fev 1898, p. 307
<i>O velho de Entrudo</i>	20 fev 1898, p. 323
<i>Rendas, rendas</i>	29 fev 1898, p. 339
<i>O carroceiro</i>	6 mar 1898, p. 355
<i>Amolador de facas e tesouras</i>	13 mar 1898, p. 371
<i>O guarda do passeio</i>	20 mar 1898, p. 387
<i>O cozinheiro</i>	27 mar 1898, p. 403

Ainda de acordo com o documento inédito analisado, sabe-se, finalmente, que a «obra de Costumes» esteve projetada para se publicar na editora de Justino Guedes, o que não veio a concretizar-se.



Capa do álbum de *O Século*, 1895-96

PASSAGEM PELO MUNDO DE «O SÉCULO»

Certo é agora que, por volta do ano em que começou a dar aulas no ensino industrial, Roque Gameiro entrou ao serviço do jornal *O Século*, numa altura em que este importante diário, já então com as maiores tiragens nacionais, estava em vias de generalizar a introdução de ilustrações nos artigos de primeira página, antes de mais com introdução de gravura e depois com fotografia. Esta ligação é assim atestada:

«Dessa época do *Século*, que era uma época de transição, pois que foi então, aproximadamente, que Magalhães Lima saiu da Empresa, ficando Silva Graça senhor único dela, conservo ainda uma lembrança [...]: é um Álbum do *Século*, encadernado em cetim, com o retrato, à pena, na capa, feito por Gameiro, do possuidor do álbum».³⁶

36 MARQUES, Henrique - *Memórias de um Editor*. Lisboa: 1934, p. 112.



Anúncio no jornal O Século, 9 jul. 1898, p. 4.

O futuro editor Henrique Marques, de quem são estas palavras e a quem Roque Gameiro viria a ligar-se de seguida num projeto editorial, teve uma breve passagem pela redação de *O Século*, numa época que, nas suas *Memórias*, situa expressamente entre 1894 e 1898. José Joaquim da Silva Graça era já diretor efetivo do jornal em 1897, substituindo o republicano e maçom Sebastião de Magalhães Lima. Marques conheceu então Roque Gameiro, que inclui entre o «pessoal redatorial e dirigente» do jornal cujos retratos, a cargo do fotógrafo Augusto Bobone (1825-1910), figuravam no Álbum especialmente adquirido por Marques, onde também constava o retrato de Alfredo Roque Gameiro.³⁷ Não seria, portanto, um simples colaborador eventual, mas um elemento com atividade interna permanente, pelo menos regular, no jornal.

37 A capa do exemplar pessoal do Álbum do Século, publicado em 1895 e pertencente a Henrique Marques, foi reproduzida no *In Memoriam* que precede a edição póstuma das suas *Memórias de um Editor*, já citadas, e aqui exibida.



A Feira Franca na Avenida da liberdade, cromolitografia de Roque Gameiro e Ribeiro Cristino, 1898.

Foi aliás significativa, conquanto num curto período de quatro ou cinco anos, a participação que ficou registada pelo artista em trabalhos publicados pela Empresa do Jornal «O Século». Com o título genérico de *Álbum d'O Século* foi também editada em 1898, pela Empresa do Jornal «O Século», uma pequena obra para colecionadores, de que se conhece um exemplar ilustrado, da autoria de Joaquim de Melo sobre *Marinha Histórica dos Séculos XV e XVI*³⁸, «com uma capa a cromo, reprodução duma aquarela de Roque Gameiro», segundo então se anunciava no jornal diário.³⁹ Além deste pequeno álbum, anunciava-se ainda, nas «publicações comemorativas do IV centenário da Índia» que o jornal dera à estampa nesse mesmo ano,

38 Exemplar existente na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP - E.A. 153 P.) de que aqui se reproduz a capa.

39 P. e., in *O Século* (9 jul. 1898), p. 4.



Contos e Histórias, capa de Roque Gameiro, edição de *O Século*, 1897

um cartaz intitulado «Vista Geral da Feira Franca⁴⁰» – cromolitografia no formato 60x45 cm., «cópia de aquarela de Alfredo Roque Gameiro e Cristino da Silva [aliás Ribeiro Cristino], constituindo um belo quadro próprio para emoldurar»: trata-se de uma litografia colorida, de facto intitulada *A feira franca na Avenida da Liberdade*.

No mesmo ano, ilustrou discretamente, em gravuras de desenho, o romance de António Campos Júnior intitulado «Guerreiro e monge», publicado em folhetins diários de *O Século*, entre abril e outubro de 1898.⁴¹ Mas, já em 1897, as edições de *O Século* deram à estampa uma pequena antologia de *Contos e Histórias* de vários autores, com «capa de completa novidade, cópia de aquarela de Roque

40 Desta litografia colorida existe exemplar no Museu de Lisboa. João Cristino da Silva (1829-1877) não poderia ter assinado esse trabalho, antes seu filho João Ribeiro Cristino da Silva, ou Ribeiro Cristino (1858-1948). Os exemplares deste cartaz, vendido ao público em separado, podiam ser dobrados, como foi registado a respeito de um exemplar recentemente comercializado por um alfarrabista de Lisboa.

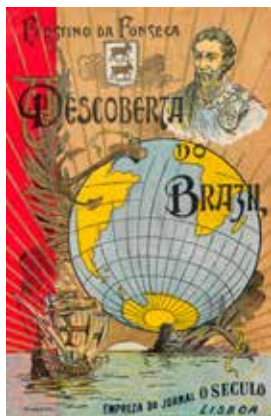
41 *O Século* (17 abr.-28 out. 1898).



Capa de Roque Gameiro para a Edição de Natal de *O Século*, 1898

Gameiro executada a 6 cores⁴²; a «novidade» consistia certamente no processo de impressão de que resultou uma gravura de excecional qualidade. No mesmo ano e seguinte, colaborou nas edições de Natal do jornal *O Século* (formato grande de 40 cm. de altura), sendo da sua autoria a capa do número especial de 1898, além de um conjunto de aquarelas a cores que ilustram um texto do seu amigo Delfim Guimarães, então redator do jornal. Já em 1900 a Empresa do Jornal *O Século*, deu finalmente à estampa a obra intitulada *Descoberta do Brasil*, com «ilustrações de Roque Gameiro», embora algumas, no interior, coassinadas por Manuel de Macedo. Esta última obra enquadrava-se numa voga comemoracionista, tão do agrado da época (e mais tarde prolongada sob os desígnios de uma *portugalidade*), de encontro ou assunção do presente no passado; simultaneamente, marca a abertura de Gameiro a um historicismo estético que veio a seguir.

42 Assim descrevia um anúncio, in *Almanaque Ilustrado do Jornal O Século*. 1898. Lisboa: Empresa do Jornal «O Século», in fine.



Capa de Roque Gameiro para *Descoberta do Brasil*, de Faustino da Fonseca, Empresa do Jornal *O Século*.

Se muito pouco se sabe, com miúda precisão, desta passagem de Roque Gameiro pelo mundo de *O Século* e sobre a latitude das funções que aí desempenhou entre 1894 e 1898, além de ilustrador, indicações gerais parecem apontar para um papel de direção técnica, nomeadamente ao nível da aplicação de conhecimentos em novos processos de reprodução impressa. Silva Graça tinha por hábito convidar pessoalmente os seus colaboradores, sobretudo os que entendia mais relevantes (por vezes recebidos na sua vivenda de Algés), a quem pagava valores convidativos; e, nessa altura, o diretor do jornal estava em vias de apostar numa nova imagem gráfica, com «grande número de ilustrações» regulares, «alusivas aos acontecimentos de interesse e atualidade»⁴³, funções para as quais os conhecimentos de Gameiro seriam certamente importantes. Em continuidade, um novo passo dado pelo artista levou-o à direção gráfica da editora Empresa

43 Anúncio, in *Almanaque Ilustrado do Jornal O Século para 1899*, Lisboa: Empresa do Jornal «O Século», in fine.

da História de Portugal, desde a sua fundação, pela mão de Henrique Marques e por este testemunhado. Antes, porém, no mesmo período entre 1894 e 1898, Roque Gameiro colaborou também, com menos frequência e regularidade, no quinzenário *Mala da Europa*.



Desenho das oficinas da Empresa História de Portugal, in *Memórias de um Editor*, de Henrique Marques, Lisboa, p112

PASSAGEM PELA EMPRESA HISTÓRIA DE PORTUGAL

Em 1897, reunira-se um grupo formado por Alfredo David, «hábil encadernador do Largo de São Carlos»; José Ferreira de Moraes, «antigo secretário da redação do *Século*» e então «diretor da tipografia da livraria Pereira»; o próprio António Maria Pereira, editor prestigiado na época, e Henrique Marques, que era então colaborador deste último e, em seu nome, responsável pela Livraria Moderna. O objetivo imediato, para o qual lavraram escritura notarial própria em 1898, consistia em dar à *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, há pouco falecido, uma edição ilustrada, publicada em fascículos, que «se destinava

a agradecer ao grande público».⁴⁴ Segundo notícia corroborada pelo jornal *O Século* nesse mesmo ano:

«A história seria a de Manuel Pinheiro Chagas, a única que no nosso país existe completa e escrita no estilo mais elegante e mais correntio que se conhece, e ilustrá-la-ia, para lhe dar novo realce, o lápis primoroso de Roque Gameiro.»⁴⁵

Pode considerar-se que começa aqui, em termos sistemáticos, como obra de conjunto e com uma latitude de trabalho artístico que até então não experimentara, a carreira do ilustrador gráfico: a *História de Portugal* de Chagas, em reedição e agora ilustrada, chegou aos prelos em 1899 e estender-se-ia até 1905, em dez volumes.⁴⁶ O editor Henrique Marques descreve mesmo a metodologia seguida na escolha das gravuras para esta obra, ao mesmo tempo que se fazia a revisão do texto da 2ª edição, incluindo as «cenar que merecessem a pena ser ilustradas» e os retratos «desenhados de novo», formando, «para cada tomo, lista que entregava a Gameiro».⁴⁷ Para concretizar o projeto, este artista chamou o seu mestre, Manuel de Macedo, e um seu discípulo, Alfredo Morais, num trabalho de (e em) conjunto que, segundo nota editorial, representava já por si uma «história comentada com a ilustração, o episódio explicado



Ilustrada por Roque Gameiro, Manuel de Macedo e Alfredo Morais, a *História de Portugal*, de Chagas, foi publicada em dez volumes, entre em 1899 e 1905.

pela aquarela reproduzindo a cena palpitante de vida». E, concretizado o trabalho gráfico para o primeiro volume, na hora de o apresentar ao público, o editor realçava a direção artística a cargo de «um dos mais inteligentes e talentosos ilustradores portugueses, Roque Gameiro, que tão brilhantemente tem sabido desempenhar-se do cometimento que lhe foi confiado.»

Enquanto decorriam os trabalhos de preparação da *História de Portugal*, o entusiasmo da iniciativa editorial conduziu, de imediato, à criação de uma nova editora a que, por morte do livreiro António Maria Pereira, se juntou como sócio Augusto da Silva Neves, «um hábil empregado do Banco de Portugal» encarregue da contabilidade do consórcio formado para a edição da *História de Portugal*, antigo empregado da Livraria Pereira e ao tempo também «guarda-livros das oficinas de encadernação de Alfredo David».⁴⁸ Nasceu assim a Empresa da História de Portugal que, segundo a referida notícia dada em *O Século*, «desejando fazer como que uma revolução no gosto do público, proporcionando-lhe boa e sã leitura, [...]

44 MARQUES, Henrique, ob. cit., p. 113.

45 Artigo transcrito em MARQUES, id., p. 115, n.; aí é indicado que o texto foi publicado na edição de *O Século* de 8 de agosto de 1898, porém não se encontrou tal artigo.

46 Esta 3ª ed. da obra de Pinheiro Chagas (1842-1895) foi continuada, a partir do vol. XI, até 1909, já com textos de José Barbosa Colen, João Augusto Marques Gomes e Joaquim Alfredo Galis; a Casa Roque Gameiro exibiu em 2015 uma exposição com as ilustrações originais da obra.

47 MARQUES, ob. cit., p. 119.

48 Id., p. 114.

inaugurou entre nós a publicação a fascículos dos livros portugueses, em condições de luxo, de elegância e de barateza»; o programa editorial inaugurou com a publicação de obras de ficção, «sendo esses romances ilustrados com aquarelas expressamente feitas por A. Roque Gameiro para estas publicações».⁴⁹

A primeira destas coleções intitulou-se «Romances dos Bons Autores Portugueses», que estreou em 1899 com a reedição do romance histórico de Pinheiro Chagas, *Os Guerrilheiros da Morte*, depois de sucessivas reedições na década de 1870 que atestam a popularidade da obra cujo assunto decorre no período das invasões francesas:

«E como queríamos fazer obra asseada, vá de ir ter com o Gameiro, para, de comum acordo com Manuel de Macedo, o ilustrassem abundantemente e com trabalhos artísticos.»⁵⁰

Deve anotar-se, porém: se Macedo concorreu efetivamente para esta obra (na falta dos originais, as reproduções, pelo menos, não exibem assinatura deste), a verdade é que a quase totalidade das ilustrações, assinadas, são da autoria de Gameiro, num total de 39 gravuras.⁵¹ A tratar-se de trabalho exclusivo, estaríamos perante a primeira obra integralmente ilustrada com reprodução de aquarelas de Roque Gameiro.⁵²

49 Id., pp. 116-117, n.

50 Id., p. 122.

51 É este o número de gravuras contidas no exemplar consultado (BNP - L. 118458 V.), embora se refira que totalizaram 42.

52 Este romance histórico de Manuel Pinheiro Chagas, sucesso público com tiragens consecutivas desde 1872, foi reeditado pela Empresa da História de Portugal em 1899; as ilustrações têm a marca do gravador José Pires Marinho (1857-1929?), com atividade conhecida entre 1894 e 1916.



“Encontram-n'o encolhido e tiritando no ôco de uma árvore”, Ilust. n° 34, aquarela e tinta da china, in *A Sereia*, de Camilo Castelo Branco, Lisboa, Empresa de História de Portugal.

O volume seguinte da coleção, saído dos prelos em 1900, foi *A Sereia*, novela passionnal de Camilo Castelo Branco também muito popular na segunda metade do século, agora numa reedição «em cuja ilustração os dois grandes artistas Manuel de Macedo e Roque Gameiro se esmeraram de um modo superior». Aliás, o editor estava convicto de que, «se as aquarelas que ilustravam os *Guerrilheiros da Morte* eram boas, as da *Sereia* eram ótimas» e, afirmou mais, «nunca em Portugal se ilustrou tão brilhante, artística e conscienciosamente romance como este de Camilo foi ilustrado.»⁵³ O trabalho artístico dos dois mestres corresponde a ilustrações de página inteira, extra texto.

Porém, uma tal coleção, concebidos os seus volumes como obras de arte ilustrada, não teve sucesso comercial; se a qualidade editorial obtida foi um êxito, o seu resultado no mercado

53 MARQUES, id., p. 126.

foi inverso: «Êxito... quase nulo.»⁵⁴ Os custos editoriais decorrentes de profusa ilustração elevavam o preço de capa – não se coadunavam, por isso, com uma cultura de massas, em que a reprodução de objetos culturais em larga escala resulta na baixa de custos e, portanto, em preços tão reduzidos quanto possível por exemplar; sem falar dos índices de iliteracia, sobretudo baixos nas camadas populares, que consumiam impressos de leitura rápida, nomeadamente o jornal diário de informação e recreio, e geraram a moda dos almanaques, se não mesmo do folheto de cordel, em prosa e poesia, em expansão na época.

Em face do resultado mercantil inferior à expectativa, o editor reduziu drasticamente as ilustrações nos volumes seguintes. Nem por isso o artista reduziu colaboração significativa: «Então uma casa editorial que se prezava, não havia de lançar uma edição dos *Lusíadas*? [...] Chamou-se *Mestre Gameiro*, que foi encarregado da sua ilustração, coisa digna dele e de nós.»⁵⁵ Juntamente com Manuel de Macedo, o trabalho de ilustração conduzido por Gameiro para a edição especial de *Os Lusíadas* fez desta um marco na época, reforçando os cuidados tipográficos e escolha de materiais: publicou-se em 1900 «e dele se fizeram tiragens em papéis especiais, em *couché*, em Japão, em Holanda, em linho português», desta vez com resultados comerciais interessantes.

Roque Gameiro manteve esta colaboração com a Empresa da História de Portugal, pelo menos, até 1906, ano em que criou a capa para a coleção literária das «Obras Completas e Ilustradas de Paulo de Kock»⁵⁶, de



Obras Completas e Ilustradas de Paulo de Kock, desenho para a capa, 1909.

que este editor veio a publicar 73 volumes do *best-seller* francês até 1911. De permeio, ilustrou ainda com Manuel de Macedo as obras *Em Campanha e no Quartel*, de Maximiliano de Azevedo (1900); *História Geral dos Jesuítas*, com texto de Lino da Assunção (1901), e capas de alguns livros, como *História do Fado*, de Pinto de Carvalho (1903), que ainda inclui ilustração no interior com uma aquarela alusiva a Maria Severa. Finalmente a publicação das *Obras Completas de Garrett*, numa grande edição popular e ilustrada em 2 volumes (1904). Desta última fase, destaca-se o único volume publicado de um *Portugal Pitoresco e Ilustrado. I - Lisboa*, compilação e estudo de Alfredo Mesquita (1903), para o qual o editor fez «uma longa lista de edifícios, de monumentos da capital, das suas figuras típicas, dos seus costumes» para uma recolha de imagens entregue a «Arnaldo da Fonseca, que era um verdadeiro artista da fotografia», num total de 400 que, afirma Henrique Marques:

⁵⁴ Id., *ibid.*

⁵⁵ Id., p. 136.

⁵⁶ O original da capa, a tinta da china, encontra-se na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP - D 399 P.)



Dona Branca, ilustração para as *Obras Completas de Almeida Garret*, 1904.

«bem poderia tê-las mandado para a gravura, a fim de assim as reproduzir no livro; mas sempre com a minha mania de fazer melhor, chamei mestre Gameiro, a quem as entreguei, recomendando-lhe que passasse tudo aquilo a pena, porque eu queria fazer da *Lisboa* uma publicação modelar, sem a monotonia que apresenta a fotogravura.

Assim se fez; Gameiro e o seu grupo apresentaram-me quatrocentos e quatro desenhos no gosto em que eu os desejava».⁵⁷

E foi sobretudo com o insucesso desta edição – que se esperava «uma publicação modelar» que cessou a direção artística assumida por Roque Gameiro na Empresa da História de Portugal, já que os custos gráficos (incluindo a colaboração dos artistas) obrigaram a uma viragem comercial nas edições.



“Lavagem das Canastras”, ilustração de Roque Gameiro (J. Novaes, gravador), p.120 in *Portugal Pitoresco e Ilustrado. I - Lisboa*, compilação e estudo de Alfredo Mesquita (1903), edição Empresa História de Portugal.



A chegada de Vasco da Gama a Calecut em 1498. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Lit. Comp. Nac. Editora), c. 1900

⁵⁷ MARQUES, id., p. 154.



A morte de Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador. [coautor Manuel de Macedo]. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (L. Comp. Nac. Editora), c. 1900

DE NOVO E POR ÚLTIMO A EDITORA

Entretanto, retomara os trabalhos de ilustração para a Companhia Nacional Editora em 1900, aqueles que Gameiro chamava «extraordinários», entre os quais se publicaram litografias separadas. Com a sua assinatura ou em coautoria com Manuel de Macedo, deu à estampa no mesmo ano um conjunto de aquarelas que acentuaram a vertente histórica dos seus trabalhos:

A partida de Vasco da Gama para a Índia em 1497. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Litografia Comp. Nac. Editora), c. 1900

A chegada de Vasco da Gama a Calecut em 1498. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Lit. Comp. Nac. Editora), c. 1900

D. Mariana de Lencastre abençoando os seus filhos António e Fernão Teles da Silva, na madrugada do 1º de Dezembro de 1640. [coautor Manuel de Macedo]. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Lit. Comp. Nac. Editora), c. 1900

A morte de Gonçalo Mendes da Maia, o Lidador. [coautor Manuel de Macedo]. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (L. Comp. Nac. Editora), c. 1900

O desembarque dos portugueses no Brasil ao ser descoberto por Pedro Alvares Cabral em 1500. [coautor Manuel de Macedo]. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Litografia Comp. Nac. Editora), c. 1900

A Rainha Santa Isabel atravessando as linhas do exército de D. Diniz e do filho D. Afonso a fim de evitar combate iminente. [coautor Manuel de Macedo]. José Bastos & Cia Editores, Antiga Casa Bertrand (Litografia Comp. Nac. Editora), c. 1900
Com a mudança de designação para A Editora, sociedade anónima, Lda.⁵⁸, entre 1900 e 1901, continuaram os trabalhos para a companhia administrada por Justino Guedes, nomeadamente nas seguintes obras ilustradas, constituindo o trabalho «extraordinário» que manteve ainda por algum tempo:

Mistérios da Inquisição, de Francisco Gomes da Silva. 3 vols. A Editora, 1900-1904. Em separado: *O 1º de Dezembro de 1640*. Co-autor Manuel de Macedo. (Litografia Comp. Nac. Editora), c. 1900 [Brinde aos assinantes do romance *Mistérios da Inquisição*, de Francisco Gomes da Silva. 3 vols. A Editora, 1900-1904. II. Roque Gameiro e Manuel de Macedo]

A Ambição dum Rei, romance histórico de Eduardo de Noronha. 3 vols. Lisboa: A Editora, 1903

Leonor Teles, romance histórico de Marcelino Mesquita. 3 vols. Lisboa: A Editora, 1904-1905. Em separado: *Leonor Teles diante do cadáver do Conde de Andeiro*. (Litografia Comp. Nac. Editora), c. 1905 [Brinde aos assinantes do

58 DOMINGOS, ob. cit., pp. 65-66.



Leonor Telles, desenho de Roque Gameiro, grafite e tinta-da-china, A Editora, 1905, Ilustração de Roque Gameiro para a capa da revista *Serões*, nº 7, janeiro, 1906



"Columbano", ilustração de Roque Gameiro para *A Chronica*, nº106, janeiro 1904

romance *Leonor Teles*, de Marcelino Mesquita. 3 vols. A Editora, 1904-1905. Il. Roque Gameiro e Manuel de Macedo]

Resta acrescentar que a Sociedade Anónima, A Editora, administrada por Justino Guedes foi transacionada, em finais de 1908, para as mãos do livreiro brasileiro Francisco Alves que, em 1912, na qualidade de coproprietário da Bertrand (à data, Aillaud, Alves e C.^{ia}), concluiu o processo de alienação de «todos os fundos editoriais e propriedade literária», já em negócio com o genro de Justino Guedes, que era então o proprietário de A Editora, Clarimundo Victor Emilio. A velha Editora só veio a ser definitivamente desmantelada em 1918, tendo prosseguido até então com edições ainda sob a sua chancela, circunstância que era



Ilustração de Roque Gameiro, para a capa da revista *Serões*, nº 7, janeiro 1906

normal nos negócios de Francisco Alves.⁵⁹

Durante este período, ao lado dos trabalhos «extraordinários» para A Editora e com o declinar da sua ligação ao jornal *O Século* e à Empresa da História de Portugal, Roque Gameiro foi ainda colaborador do *Diário de Notícias*, nomeadamente como ilustrador nos números de Natal do *Diário de Notícias Ilustrado* entre 1902 e 1908. Ao fechar este ciclo, Roque Gameiro teve ainda uma breve passagem por duas revistas de lazer: *A Chronica*, em 1903 e 1904, com ilustrações para capa e no miolo; e *Serões* em 1905 (já havia ilustrado o conto *Amanhã*, de Abel Botelho, em dezembro de 1901), inserindo uma série de gravuras que ilustram a crónica de costumes *Um dia de uma elegante lisboeta do século XVIII*, de Júlio Dantas, e compondo para uma capa da revista de janeiro de 1906.

O NOVO MUNDO E A ÚLTIMA OBRA GRÁFICA

Doravante, a sua obra de ilustração seria ultrapassada pela carreira de aquarelista, em que foi exímio e se consagrou definitivamente, expondo em inúmeros certames no país e no estrangeiro, onde foi sucessivamente reconhecido com a atribuição de medalhas, e vendendo as obras expostas a preços nunca até então praticados, sobretudo com execução de aquarelas que Roque Gameiro muito contribuiu para valorizar e impor no mercado da arte; o nosso artista contribuiu, como ninguém, para a afirmação de uma expressão plástica que retirou a prevalência incontestável à arte de cavalete. Então, estava a chegar a hora da

59 BRAGANÇA, Aníbal - «O editor de livros e a promoção da cultura lusófona: a trajetória de Francisco Alves (1848-1917)», in MARTINS, Moisés de Lemos (coord.) – *Lusofonia e Interculturalidade: Peomessa e Travessia*. V. N. Famalicão: Edições Húmus, 2015, pp. 227-243.



História da Colonização Portuguesa do Brasil. Rio de Janeiro, 1921. Vol I, capa

consagração cujo cume o próprio artista entendeu atingido em 1920 quando, convidado a expor no Brasil, preparou em terras do Novo Mundo e veio a abraçar a direção artística da obra monumental que foi a *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, patrocinada pela «colônia portuguesa» naquele país e a propósito do centenário da sua independência. Foi editada em 1921 sob a coordenação de Carlos Malheiro Dias⁶⁰.

Já em 1917, com o seu discípulo Alberto de Sousa, realizara um conjunto de ilustrações para o

60 A este propósito vejam-se os textos de Arthur Valle, Universidade Federal do Rio de Janeiro “Helena Roque Gameiro no Rio de Janeiro em 1920” e de Carlos Lima Júnior, Universidade de S. Paulo (MAC/USP) “Helena Roque Gameiro e uma certa ‘Capital Artística’. O trânsito por S. Paulo no ano de 1920”, que integram o catálogo da exposição *Flor de Água, Helena Roque Gameiro (1895-1986) – Aquarela e Artes Aplicadas*, Comissariada por Sandra Leandro, Universidade de Évora, IHA, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa.

livro *Quadros da História de Portugal*, de Franco Chagas e João Soares, editado pela Papelaria Guedes. Algumas das aquarelas aí publicadas foram posteriormente reutilizadas em livros escolares, mas nesse mesmo ano integraram um conjunto gráfico de cartazes didáticos, de grandes dimensões, impressos pelo mesmo editor⁶¹ e exibidos em público no Salão da Ilustração Portuguesa numa iniciativa designada por *Arte na Escola*, cujo catálogo foi impresso pelo jornal *O Século*.⁶² Além disso, a mesma Papelaria Guedes, de Lisboa, tinha já posto à venda, no momento da declaração de guerra da Alemanha ao nosso país, um postal ilustrado dos correios sobre *Portugal na Guerra* da autoria de Roque Gameiro.⁶³

61 Uma coleção completa destes cartazes, com as dimensões de 70x97 cm., existe na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP - CT. 6080 -87 R.) e vai estar disponível em suporte digital: das 8 pranchas, são de Roque Gameiro os «ciclos» 1, 3, 5, 7.

62 Ver notícia publicada in *O Século* (19 ag. 1917), p. 2. Por informação que se agradece ao Dr. Luís França Sá, o único catálogo que se conhece desta exposição, num folheto de 4 páginas, existe na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP - B.A. 1799/5 P).

63 Até há pouco a Biblioteca Nacional de Portugal tinha registada a autoria de Alfredo Roque Gameiro para um cartaz estranhamente intitulado «Futebol em missão de guerra» (o cabeçalho está cortado e, em letra Arte Nova, apenas se pode conjecturar a inscrição «NA[GUER]RA», sendo esse o título factício, quando muito «Futebol na guerra»). Não assinado e datável de 1916-1917, altura em que o nosso país entra na frente europeia da I Guerra Mundial, o cartaz tem a única indicação de ter sido impresso nas oficinas litográficas de «A Editora», sucedânea da Companhia Nacional Editora, de que Justino Guedes fora o principal administrador, mas já não nessa data. Roque Gameiro fora, conforme se apurou mais acima, diretor artístico na editora do seu meio-irmão somente até 1907, nunca mais realizando trabalhos com esse destino. Finalmente, o estilo pictórico não confere com os trabalhos de ilustração de Roque Gameiro, nomeadamente para essa época, mas parece antes enquadrar no estilo de um artista menos minucioso que foi Alfredo Morais, então autor de inúmeras ilustrações, incluindo cartazes, sobre o tema da guerra.

Depois disso, publicaram-se ainda as seguintes obras, com encomenda de trabalhos de ilustração:

História do Palácio Nacional de Queluz, de António Caldeira Reis, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1924

O Romance das Ilhas Encantadas, de Jaime Cortesão. Lisboa: Aillaud e Bertrand, 1926

O Livro das Cortesãs, antologia de poetas portugueses e brasileiros organizada por Albino Forjaz de Sampaio e Bento Mântua. 3ª ed. Lisboa: Liv. Guimarães, 1930 (reutilização de apenas uma gravura já conhecida)

A Morgadinha dos Canaviais, romance de Júlio Dinis. Ed ilustrada. Lisboa: J. Rodrigues & Cia. 1930 (vinhetas com desenhos de Alfredo Morais e algumas aquarelas a cores de Gameiro, em página inteira, extratexto)

Portugal de Algum Dia. Cenas, costumes e usos de outro tempo, com texto de Gustavo de Matos Sequeira. Edição em fascículos. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade, 1931 [incomp., saíram 4 fasc.]

De permeio, Roque Gameiro editou um álbum de aquarelas, sumamente conhecido e com edição de autor: *Lisboa Velha*, com prefácio de Afonso Lopes Vieira, Lisboa: (Tipografia da Empresa do Anuário Comercial), 1925.



Portugal na guerra, ilustração de Roque Gameiro. Lisboa : P. Guedes, 1916.

TRANSCRIÇÃO DO REGISTO DE PATENTE DE GELATINOGRAFIA

Anexos

I - *Registo de patente de invenção*

[Carimbo¹] Repartição de Finanças em 15 de Fevereiro de 1891
O Chefe da Repartição

Descrição que fundamenta o pedido de uma patente de invenção que Alfredo Roque Gameiro, residente em Lisboa, pretende obter em Portugal para um processo para a reprodução de desenhos denominado “Gelatinografia”.

O processo de reprodução de desenhos a que dou o nome de “Gelatinografia” e para o qual pretendo obter um privilégio como inventor, consiste em gravar ou desenhar o que se quer reproduzir sobre gelatina ou sobre qualquer matéria gelatinada ou gomada transparente.

A gelatina ou a matéria gelatinada ou gomada transparente é impressionada antes ou depois de feito o desenho ou gravura, com um tom que consta de linhas, de pontos, ou linhas e pontos combinados.

A reprodução por meio da gelatinografia pode ser realizada por meio dos três processos seguintes que vou descrever, e que se podem empregar isoladamente ou combinados entre si.

1º Processo

Toma-se uma folha de gelatina, como em geral se obtém no mercado, ou uma folha de qualquer matéria gelatinada ou gomada transparente, e sobre ela transporta-se um tom feito previamente na pedra litográfica com a máquina de gravar ou de qualquer outro modo. Este tom é geralmente conhecido pelo nome de fundo gilloché ou grisé, e pode variar indefinidamente na fundura dos sulcos, no espaço entre cada linha bem como na sua forma e disposição.

Feito este tom coloca-se a folha de gelatina ou doutra qualquer matéria gelatinada ou gomada transparente em cima da estampa, esboço, fotografia ou aquarela que se pretende reproduzir, e desenham-se com tinta litográfica e à pena os contornos e as sombras, e, com um buril, ou com um canivete, raspam-se as partes luminosas em que se dispensa o tom geral. Concluído o desenho, a gelatina ou a folha de matéria gelatinada ou gomada é humedecida entre umas folhas de papel molhado, ou de qualquer outro modo comunicante, e, finalmente, o desenho é passado à pedra sob a pressão duma prensa litográfica ou duma calandra.

Desta forma obtém-se um desenho cujas meias tintas são formadas sempre pelos traços ou pontos do gilloché e pelos traços que se desenham.

2º Processo

Faz-se passar a folha de gelatina ou doutra matéria gelatinada ou gomada transparente em um, dois ou mais metidas entre os cilindros de uma máquina de dar relevo (gaufre).

Deste modo transformam-se as superfícies lisas da folha de gelatina ou de outra matéria gelatinada ou gomada numa superfície com pontos ou linhas em relevo.

Neste segundo processo de reprodução coloca-se também a folha de gelatina, etc., sobre o desenho e, empregando simultaneamente a pena com a tinta litográfica e o lápis litográfico, consegue-se obter uma cópia cuja meia tinta é dada pelos pontos ou linhas do gilloché mais fortes ou mais fracas segundo a vontade do desenhador.

Este desenho, feito na gelatina ou na matéria gelatinada ou gomada, é passado à pedra como no primeiro processo.

3º Processo

Depois de feitos os pontos ou linhas pela forma descrita no processo anterior, imprime-se na superfície da gelatina, etc., e sob uma pequena pressão, uma massa de tinta de transporte duma pedra litográfica.

Deste modo a superfície da gelatina, etc., recebe a tinta somente nos pontos salientes e fica por conseguinte apta para reproduzir qualquer desenho que precise de um tom geral. As partes claras raspam-se com um canivete ou com um buril.

Também se consegue dar a meia tinta passando ao de leve um rolo liso com tinta de transporte sobre a superfície da gelatina ou da matéria gelatinada ou gomada transparente.

Muitas outras formas há, com que se consegue dar à superfície da gelatina ou da matéria gelatinada ou gomada uma meia tinta de pontos ou linhas regulares em relevo.

Citarei, como exemplo, mais uma dessas formas: entre uma chapa de qualquer metal duro em que está gravado o gilloché e o competente contracunho coloca-se uma folha de gelatina ou doutra matéria gelatinada ou gomada, aperta-se tudo isto num torno, numa prensa hidráulica ou balancé, e o resultado é o mesmo.

Reivindicação

Tendo descrito a natureza do meu invento e o modo de o pôr em execução reivindico:

Na reprodução de desenhos, o emprego de folhas de gelatina ou de outra qualquer matéria gelatinada ou gomada transparente, sobre cuja superfície se imprima um tom, que conste de linhas, ou pontos, ou linhas e pontos.

Lisboa 23 de Dezembro de 1899

[ass.:]

Alfredo Roque Gameiro

1 Sobre selo: «Imposto do selo / oitenta reis»

PEDRAS QUE FALAM

Muito mais haverá, certamente, para descobrir e apresentar sobre o verdadeiro papel de Alfredo Roque Gameiro no mundo das artes gráficas, e em particular, no domínio da litografia.

Convém sublinhar ainda o modelo, exemplar e talentoso, que devolveu em génio o seu saber aos outros. Esse saber e o seu ensino foram centrais na sua vida, enquanto aluno e mais tarde como professor, primeiro na oficina, depois nas escolas por onde passou, e sempre com os seus filhos e os amigos destes, na casa da Venteira e no ateliê em Lisboa.

Daqui para a frente, a sua obra de ilustração será ultrapassada pela carreira de aquarelista, onde se consagrou a nível nacional e internacional. Reconhecido e apreciado, Roque Gameiro contribuiu, como poucos, para a afirmação da aquarela em Portugal.

Mas, a sua obra gráfica jamais foi esquecida ou relegada para um plano secundário. Prova disso é esta casa, a história e singularidade da sua construção e as inscrições que espelham, de forma exemplar, quem foi Roque Gameiro.

Nas paredes exteriores, em lugar cimeiro, estão os dois painéis de azulejos dedicados à Aquarela e à Litografia que o identificam, como homem e artista. Neste último pode ler-se *SAXA LOUUNQUNTUR*, ou *pedras que falam*, a divisa dos gravadores e litógrafos.



O MUNDO DAS ARTES GRÁFICAS

Documento e desenho originais

Carta de Roque Gameiro a Justino Guedes,
c.1908-1910
Coleção: Joana Leitão de Barros.

Desenhos originais a lápis de Roque Gameiro
para a *História de Portugal, Popular e Ilustrada*, de
Pinheiro Chagas.

livros

O Fado, ilustração de Roque Gameiro e texto
Pinto de Carvalho, Lisboa, Empreza da História de
Portugal, 1903.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: L. 10486

História de Portugal, Popular e Ilustrada, de
Pinheiro Chagas, ilustrações de Roque Gameiro,
Manuel de Macedo e Alfredo Morais, Empresa His-
tória de Portugal, Lisboa, 1899 a 1905.
CMAmadora-Biblioteca Municipal Fernando Piteira
Santos

Portugal Pitoresco e Ilustrado, ilustrações de
Roque Gameiro, compilação e estudo por Alfredo
Mesquita, Lisboa, Empresa História de Portugal, 1903.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: XXXX
H.G. 18659 V.

Traité Générale de Photographie, de D. V.
Monckhoven, Paris, G. Masson, éditeur 1880.
Coleção: José Ruy

O ILUSTRADOR DE COSTUMES

Desenhos/Ilustrações originais

“Água Vai...”, desenho original de Roque Gameiro
para *Portugal de Algum Dia*,
Coleção: Joana Leitão de Barros

**“Encontram-n’o encolhido e tiritando no ôco
de uma árvore”**, desenho original nº 34, aguarela
e tinta da china, de Roque Gameiro, in **A Sereia**,
texto de Camilo Castelo Branco, Coleção Romances
de Bons Auctores Portugueses, Lisboa, Empreza de
História de Portugal, 1900.
CMA-Casa Roque Gameiro

Desenho original de Roque Gameiro para a capa
de *Obras Completas e Ilustradas de Paulo de Kock*,
1909, tinta da china, 32x21 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D 399 P CF 56

Desenho original de Roque Gameiro para *Os
Mistérios da Inquisição*, desenhos e ilustrações de
Roque Gameiro e Manuel de Macedo, Ed. Seção
Editorial da Companhia Nacional Editora, Lisboa, 1900.
CMA-Casa Roque Gameiro

Leonor Telles, 1905, desenho de Roque Gameiro,
A Editora, 1905, grafite e tinta-da-china, 33x22 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D 377 P CF 55

Xilogravura de Roque Gameiro, para a *História da
Colonização Portuguesa do Brasil*. Rio de Janeiro,
1921. Vol I.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 8056 - 57 A.

Ilustrações e gravuras

**A chegada de Vasco da Gama a Calecut em
1498**, 1889, gravura, litografia de Roque Gameiro;
color, 28,5x43,2 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: 292 A

Dona Branca, 1904, Ilust. Roque Gameiro tinta-
da-china e grafite, p&b, 33x23 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: D 352 P CF 54

A Feira Franca na Avenida da Liberdade, cromolitografia de Roque Gameiro e Ribeiro Cristino, 1898.
EGEAC/CML - Museu de Lisboa MC.GRA.2162

A morte de Gonçalo Mendes da Maya, o Lidador, 1890, gravura, litografia, de Roque Gameiro, color, 40,8x30 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: E 300 A

Obras Completas de Almeida Garrett, Pref, Revista, Coord. e Dirigida por Theophilo Braga, Lisboa, Empreza História de Portugal, 1904, vol. 1
Biblioteca Nacional de Portugal, cota. RES. 958 V.

“Preto de São Jorge”, gravura, litografia de Roque Gameiro, texto de Fialho de Almeida, in *Album de costumes portugueses*, David Corazzi, 1888. álbum, color, 30x22 cm
Biblioteca Nacional de Portugal cota: EA 569 V

“Poz-se por sua vez a trabalhar”, ilustração de Roque Gameiro, p.62-63, in *As Pupilas do Senhor Reitor: cronica da aldeia*, texto de Júlio Diniz, Lisboa, A Editora, [19--]
CMA - Casa Roque Gameiro

“A essa, apertou-a ao peito, de maneira a redobrar o enleio, em que se achava já a rapariga”, ilustração de Roque Gameiro, p.176-177, in *As Pupilas do Senhor Reitor: cronica da aldeia*, texto de Júlio Diniz, Lisboa, A Editora, [19--]
CMA - Casa Roque Gameiro

“Margarida seguia o texto, olhando por cima dos ombros da creança”, ilustração de Roque Gameiro, p.344-345, in *As Pupilas do Senhor Reitor: cronica da aldeia*, texto de Júlio Diniz, Lisboa, A Editora, [19--]
CMA - Casa Roque Gameiro

“Rua do Século”, in *Lisboa velha*, ilustração de Roque Gameiro, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1926.
Biblioteca Nacional de Portugal, Cota: EA 60 V

Livros

Almanaque Ilustrado Brasil-Portugal, 1901
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: PP. 25491 V.

História da Colonização Portuguesa do Brasil, Rio de Janeiro, 1921. Vol I e II, vol. 1 - capa e gravura p. 12, vol. 2 - gravura p. 51, vol. 3 - gravura extra-texto entre pp. 14-15
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 8056 - 57 A.

História Geral dos Jesuítas, desde a sua fundação até aos nossos dias, ilustrações de Roque Gameiro, coord. T. Lino d'Assumpção, Lisboa, Empresa História de Portugal, 1901.

Lisboa velha, ilustrações de Roque Gameiro, prefácio de Afonso Lopes Vieira, Lisboa, Tipografia da Empresa do Anuário Comercial, 1926.
CMA-Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos

A Máscara Vermelha, ilustrações de Roque Gameiro, texto de M. Pinheiro Chagas, Lisboa, Empreza da História de Portugal, 1902.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: L. 100309 P.

O Noventa e Três, ilustrações de Roque Gameiro, texto de Victor Hugo
Lisboa, Emp. da História de Portugal, 1905.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: L. 59006 P.

Portugal de Algum Dia, 1931, 1º fascículo.
Coleção: Joana leitão de Barros

As Pupilas do Senhor Reitor: cronica da aldeia, texto de Júlio Diniz, Lisboa, A Editora, [19--],
CMA - Casa Roque Gameiro

Quadros da História de Portugal, ilustrações de Roque Gameiro e Alberto de Sousa, textos de João Soares, Franco Chagas, 1ª edição, 1917.
CMA-Casa Roque Gameiro

A Sereia, ilustrações de Roque Gameiro e Manuel de Macedo. Texto de Camilo Castelo Branco, Lisboa, Empreza da História de Portugal, 1900.
Coleção CMA-Biblioteca Municipal Fernando Piteira Santos

ECOS NOS JORNAIS

Brochuras de turismo

A Formosa Lusitânia, capa de Roque Gameiro, folheto de divulgação de Alberto Forjaz de Sampaio, Lisboa, Imprensa Nacional, 1916.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 19267 P.

Portugal: seus múltiplos aspectos como paiz de excursões, capa de Roque Gameiro, 21 cm, dir. Sociedade Propaganda de Portugal, Lisboa, Imprensa Libânio da Silva, 1908.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 38439 V.

Sunny Portugal. Primeiro folheto turístico português, capa de Roque Gameiro, textos de Henrique Lopes de Mendonça, 19 cm, Lisbon, Portuguese Government Tourist Department, 1913.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 18136 P.

Postais

Portugal na guerra, 1916.
Postal de Roque Gameiro, Lisboa, P. Guedes, color, 14x9 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal, cota: PI 13445 P

Damaia, 1915.
Postal de Roque Gameiro, Lisboa, P. Guedes, color, 10x13 cm.
Biblioteca Nacional de Portugal. cota: PI 5576

Jornais e revistas

“Columbano”, ilustração de Roque Gameiro para A Chronica, nº106, janeiro, 1904.
Hemeroteca Municipal, cota: J. 12. FH

Ilustração de Roque Gameiro para a **capa** da revista *Serões*, nº 7, janeiro 1906,

REPRODUÇÕES

ROQUE GAMEIRO NA IMPRENSA

Ardinas, vendedores de jornais, Paulo Guedes, 19--
AML/Arq. Fotográfico - PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/PAG/000565

Ilustração Portuguesa, nº 605, 2ª série, 24 de setembro, 1917.

Multidão nas ruas de Lisboa, Cais do Sodré, c. 1910
Joshua Benoliel, c. 1910.
AML/Arq. Fotográfico - PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/JBN/001386

Quiosque de O Século, Lisboa à Estrela,
Joshua Benoliel, 1909.
AML/Arq. Fotográfico - PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/JBN/000362

UMA CIVILIZAÇÃO DO IMPRESSO

Ajardinamento do Campo dos Mártires da Pátria, Post. 1907. Paulo Guedes.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/PAG/000471

Avenida da República. C. 1900. Joshua Benoliel.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/JBN/001293

Ilustração Portuguesa, capa do nº 135, 2ª série, 21 de setembro, 1908.

Homenagem a Luís de Camões no Aniversário da sua Morte
Joshua Benoliel, 1911.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/JBN/001441

Panorâmica da Praça dos Restauradores e Avenida da Liberdade
Paulo Guedes, 19--
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/
PCSP/004/PAG/000446

O MUNDO DAS ARTES GRÁFICAS

Companhia Nacional Editora no Largo do Conde Barão, sem autoria e sem data.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/POR/050902

Oficina de fundição de tipos da Imprensa Nacional, 1915, sem autoria.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LSM/000896

Oficina de litografia da Imprensa Nacional, 1915, sem autoria.
AML/Arq. Fotográfico PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LSM/000898

Pedido de registo da Patente de Gelatinografia,
23 de dezembro, 1889.

O prelo de Roque Gameiro, desenho de José Pedro Martins Barata.

Recorte do **Jornal O Século** de 1 de fevereiro, 1892.

O ILUSTRADOR DE COSTUMES

1ª página do jornal **O Século**, de 17 abril 1898, com **gravuras não assinadas** de Roque Gameiro

Descoberta do Brasil, **capa** de Roque Gameiro e texto de Faustino da Fonseca, Empresa do Jornal **O Século**.

Desenho das oficinas da Empresa História de Portugal, in *Memórias de um Editor*, de Henrique Marques, Lisboa, p112.

Edição de *Natal de O Século*, **capa** de Roque Gameiro, 1898.

Edição de *Natal do Diário de Notícias*, **capa** de Roque 1904.

O Fado, **ilustração** de Roque Gameiro, texto Pinto de Carvalho, p.193, Lisboa, Empresa da História de Portugal, 1903.
Digit: Biblioteca Nacional de Portugal, cota: L. 10486

História de Portugal, Popular e Ilustrada, de Pinheiro Chagas, **ilustrações** de Roque Gameiro, Manuel de Macedo e Alfredo Morais, Empresa História de Portugal, Lisboa, 1899 a 1905. Digit: Biblioteca Nacional de Portugal, cota: H.G. 7241 A.

“Lavagem das Canastras”, ilustração de Roque Gameiro (J. Novaes, gravador), p.120 in *Portugal Pitoresco e Ilustrado. I - Lisboa*, compilação e estudo de Alfredo Mesquita, Lisboa, edição Empresa História de Portugal, 1903

“A Rainha Victoria em Diferentes Épocas da sua Vida”, ilustração de Roque Gameiro, in suplemento Comemorativo dos 120 anos do *Diário de Notícias*, 30 de dezembro de 1984.

ECOS NOS JORNAIS

Actualidades, nº 1, pp.1 e 2, 5 de Outubro, 1913

O Século, pp.3 e 4, 12 de fevereiro, 1924

A Pátria, 1ª pág. 22 de Junho, 1920

O Primeiro de Janeiro, pp.1 e 7, 2 de fevereiro, 1933

Sempre Fixe, 5 de abril, 1934

Diário de Notícias, p.1, 6 de agosto, 1935

Diário de Notícias, p.13, 7 de outubro, 1935

Diário de Notícias, pp.1 e 2, 5 de abril, 1964

Diário de Notícias, DNCultura, p.30, 13 dezembro, 1984

Diário de Notícias, p.1, 19 de janeiro, 1945

O Occidente, p.212, 30 de setembro, 1909

A Chronica, pp.1 e 2, nº 108, março de 1904

Branco e Negro, pp.246 e 247, 18 de julho, 1897

O Universal, pp.1 e 2, 15 de maio, 1895

Almanach Ilustrado, pp.17 a 21, 1915



**Departamento de Educação e Desenvolvimento Sociocultural
Divisão de Intervenção Cultural**

Casa Roque Gameiro

Coordenação: Ângela Rodrigues
Produção: Eugénia Ribeiro e Vera Ferreira

Roque Gameiro na Imprensa “a desenhar e a documentar graficamente”

Comissariado

Cristina Gouveia

Consultoria Científica

Luís Augusto Costa Dias

Investigação, seleção documental e iconográfica, e textos

Cristina Gouveia
Luís Augusto Costa Dias

CATÁLOGO

Textos Institucionais

Carla Tavares, Presidente da CMA
António Moreira, Vereador do Pelouro
da Cultura

Coordenação Editorial

Cristina Gouveia

Paginação Electrónica

CMA-GIRP, Paulo caldeira

Impressão

Digiscript, Aplicações Digitais, Ld^a

EXPOSIÇÃO

Cenografia

Catarina Pé-Curto

Design

Catarina Pé-Curto e Ana Taipas

Impressão digital dos painéis

Digiscript, Aplicações Digitais, Ld^a

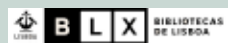
Emolduramento

Jorge F. Brito, Ld^a, Amadora
e Caldas da Rainha

Agradecimentos

A todos aqueles que com o seu apoio e dedicação contribuíram para que esta exposição se realizasse.
Em especial à família de Roque Gameiro: Joana Leitão de Barros, João Cabral e José Pedro Martins Barata, sempre presentes.
A Luís Augusto Costa Dias pela generosidade e empenho colocados neste projeto.
A José Ruy, pelo inesgotável conhecimento e disponibilidade.
À Biblioteca Nacional de Portugal, à Hemeroteca Municipal de Lisboa, ao Arquivo Municipal de Lisboa, ao Museu de Lisboa,
pela cedência de obras.

ISBN: 978-972-8284-84-8



arquivomunicipal de lisboa

